

991 - COM. E REPRESENTAÇÕES BERNO LTDA
RUA ENG. PAUL WERNER, 120
BLUMENAU - SC
89030-100

673

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVIII

Fevereiro de 1997

Nº. 2



Inauguração do prédio da antiga Biblioteca "Fritz Müller" por iniciativa e empenho do historiador José Ferreira da Silva, ocorrida no dia 29/02/1964.

IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (In memória)
- POSTO HASS LTDA.
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTORIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVIII

Fevereiro de 1997

Nº. 2

SUMARIO

Página

Aos amigos leitores e colaboradores — José Gonçalves	34
Verbetes para Dicionário de História (14) — Theobaldo Costa Jamundá	35
Curiosidades de uma Época - XLIV — S.C. Wahle	37
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	39
Figura do presente — José Gonçalves	40
Geraldo Luz despediu-se no último dia do ano	42
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	43
Registros de Tombo de Brusque (XII) — Pe. Antônio Francisco Bohn.....	45
Aconteceu... — Janeiro de 1997 — José Gonçalves	47
Confissões da infância — Knut Evaldo Koster Mueller	49
Figura do passado — Ruy Moreira da Costa	50
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tönjes	58
O sargento-mor José de Oliveira Borges — Antônio Roberto Nascimento	60

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

AOS AMIGOS LEITORES E COLABORADORES

Este será o último número de «Blumenau em Cadernos», editado sob a minha responsabilidade. A nova administração da Fundação Cultural de Blumenau, imbuída dos melhores propósitos de reestruturar e dinamizar os diversos setores, houve por bem constituir um novo sistema editorial para a revista, com a criação de um Conselho Editorial que irá, a partir da próxima edição, dar nova dinâmica e orientação, procurando, como é do desejo da nova administração, trazer ou introduzir alterações que poderão ser ainda de melhor agrado dos nossos leitores e colaboradores, assim como perenizar com mais segurança a trajetória da revista.

De nossa parte, queremos agradecer sensibilizados a todos aqueles que, ao longo destes vinte anos de editoria, nos auxiliaram neste trabalho, tanto os que colaboraram financeiramente como os que enriqueceram as páginas da revista com seus trabalhos, assim como aos numerosos leitores que sempre renovaram suas assinaturas até aqui e que haverão de fazê-lo ao longo das décadas que virão.

Desejo, finalmente, que todos esses amigos continuem prestigiando «Blumenau em Cadernos», de toda forma, apoiando os novos responsáveis, pois esta revista, além de ser a mais antiga no gênero, no país — quase quarenta anos de circulação — é a garantia no resgate da memória histórica de Blumenau e de tantas outras cidades catarinenses. Continuarei ao lado de todos e sempre que possível, comparecerei com algum trabalho de pesquisa às páginas de «Blumenau em Cadernos».

Blumenau, fevereiro de 1997.

José Gonçalves

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (14)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

1. NO VERDE DA ESPERANÇA OS IMIGRANTES FICARAM NAS MARGENS DAS ÁGUAS

Nos próprios destinos, senhores de vontades fortes, casaram os verdes dos olhos com todos os verdes da paisagem assemelhados aos anteriores, os italianos e austríacos (PERDÃO! OS TIROLESES) subiram o rio Benedito, deixando o rio Itajaí-açu em Indaial. Os que tiveram como destino as terras loteadas nos abeiramentos do rio dos Cedros, tomaram a sua direção. Isso de uns irem por ali e outros por aqui, esteve nas responsabilidades do gerenciamento colonizador. Pois algumas famílias continuaram nas águas do Itajaí-açu e só delas saíram para entrar pelo ribeirão São Pedro, exatamente, foram os pioneiros das cidades: (1) Acurra, SC; (2) Rodeio, SC. Também o assentamento subindo o ribeirão São Pedro foi encontrar, mais lá em cima, as terras arejadas pelo rio Benedito. E nessas construíram os dela a cidade: Benedito Novo. — É forçoso admitir que a energia motivadora existiu saindo da **Kolonie Blumenau**: antes dos italianos e tirolezes já os Pomeranos eram desbravadores, também pelos abeiramentos do rio dos Cedros.

Ali ou acolá em toda área de léguas quadradas que o Dr. Blumenau obteve concessionariamente, e que ia até a margem direita do ribeirão Neisse, o povoamento, disciplinado em lotes, obedeceu a uma disciplina comercial e desenvolvimentista. E a importância das águas alcançam o merecimento de poema. — E Lindolf Bell já romanceou coroadado de timboranas e na catequese poética missionária.

2. TIMBÓ: PALAVRA DE 5 LETRAS E TANTOS SIGNIFICADOS

I. Timbó, na Botânica,

II. Timbó, na Geografia catarinense,

— O nome na Botânica:

Consulte-se MEIRA PENNA, Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais, 3ª. ed., fls. 229: "PAULINIA PINNATA". Lineo — família das sapindáceas. Sinonímia: Timbó, Paullinia timbó, Guaratimbó, Cururu-apé, Paullinia senegalensis, Paullinia africana, Paullinia uvata, Paullinia grandiflora, Timbó cipó, Paullinia, dedicado a Simon Paulli (Botânico dinamarquês) — Paullinia pinnata, Timbó, belo cipó encontrado nas matas brasileiras."

"Uso medicinal: A raiz de timbó goza de grande reputação como resolutivo nas inflamações do fígado aplicado externamente." "O Fruto, cascas e folhas são narcóticos acres." "Os indígenas do Pará empregam-no contra a hipocondria, alienação mental, e etc." "Martius, diz que a ação do TIMBÓ, parecia assemelhar-se à ação do Acônito." (...)

(EXPLICAÇÃO DIDÁTICA: Martius — Carl Friedrich von MARTIUS (1794-1868) botânico alemão de obra notável no território brasileiro. Nasceu em Erlagen, reino da Baviera. Formado em medicina. Veio para o Brasil na comitiva da arquiduquesa Dona Leopoldina, filha do imperador da Áustria e casada com Dom Pedro de Bragança. — Deixou saudade!

— ACONITUM — a Acônito planta medicinal, de largo uso no Brasil e conhecidíssima pela família brasileira).

Também o botânico João S. Decker,

autor de "Aspectos Biológicos da Flora Brasileira" (1936) diz na página 110: "As folhas e ramos tenros de certos TIMBÓS do gênero tephrosia tais como a Tephrosia toxicaria e T. Cinerea das zonas quentes do Brasil servem, depois de esmagadas para a intoxicação dos peixes, que podem ser apanhados com a máxima facilidade. Tais procedimentos são, entretanto, absolutamente reprováveis em vista dos estragos causados que ultrapassam de longe as vantagens obtidas momentaneamente."

Ainda se tem na matéria a palavra do médico Dr. Norberto Bachmann, confiável tupinólogo. Este ofereceu-me, naquela sua comunicabilidade cativante a versão seguinte: "Seria o nome TIMBÓ derivado de "TENIMBÓ" ou TINNIMBÓ". E assim significava: fumarada, vapor, exalação, bafo". — Dr. N. Bachmann relacionou lista de nomes constantes da geografia catarina e com parte dela publicou artigo in "ALBUM HISTÓRICO DO CENTENÁRIO DE JOINVILLE 1851 — 9 de março de 1951.

Para Teodoro Sampaio, O Tupi na Geografia nacional. 2ª. edição (1914) página 273: "TIMBÓ é planta cujo suco mata peixe (PAULLINIA PINNATA L.).

O professor Silveira Bueno, maior no grupo dos confiáveis, registra no seu "Vocabulário Tupi-Guarani Português". 3ª. edição (1984) página 327: TIMBÓ é o vapor, a exalação, o eflúvio, o fumo. — Planta de cujo suco venenoso se valiam os indígenas para matar os peixes".

No livrão valioso de GABRIEL SOARES DE SOUSA, Notícia do Brasil. No qual se lê comentários e notas do paulista Francisco Adolfo de VARNHAGEN (1816-1878) e também de Edelweiss e Pirajá da Silva (ambos pertencem ao grupo dos que sabem eruditamente, portanto são pouco conhecidos). É do último a anotação: "TIMBÓ é composto de Tinga ti = Branco e Bora = o que contém, o que está cheio de .

O "Dicionário Histórico das Pala-

avras Portuguesas de Origem Tupi, de ANTONIO GERALDO DA CUNHA, prefaciado por Antônio Houaiss, diz com propósito científico informativo. — "Espécies: Timbó, Timboranas, Timbopeba. Várias plantas das famílias das leguminosas e das Sapindáceas. A seiva tem toxidez utilizada na pesca. — TINGUI, é variedade de cipó também conhecido por "Cipó-timbó".

Quem mais fala do vegetal: TIMBÓ competentemente, é o lembrado RAULINO REITZ (1919-1990) (O cônego doutor em botânica, maior na sua ciência e não menor no pragmático catarinensismo. Sem exagero, alcançou ser o genial "Doutor - das - Bromélias, internacionalmente, conceituado. Quem tenha o interesse em saber o que disse, leia: "FLORA ILUSTRADA CATARINENSE — I Parte As Plantas — Fascículo SAPI — Sapindáceas (1980) — Segue aqui alguns nomes vulgares: Timbó, Cipó-timbó, Cipó-cururu, Tingui, Tamuia, Cipó-timbó-de-santa-catarina (Peckolt); Timbó-peba, Timbó-de-folha-grande, Timbó-vermelho, Cipó-timbó-açu, Timbó-grande, Cipó-timbó-mirim. (FORAM ANOTADOS LETRA POR LETRA).

2. TIMBÓ, NA GEOGRAFIA CATARINA

Nomeando lugares e cursos d'água, se tem no espaço catarina: Santa Cruz do Timbó (Porto União, SC); Timbozinho (Irineópolis, SC); Timbó Grande (Santa Cecília, SC).

Está na "Corografia do Estado de Santa Catarina", de VIEIRA DA ROSA (Novembro de 1905): "Rio Timbó, o nome de conhecido cipó venenoso, origina o deste rio. Este geógrafo militar catarinense de família josefense e ele também das origens, diz onde passa tal rio, assim: "Nasce no nó formado pela serra do Espigão com a serra Geral, no lugar denominado: "Campo Alto". O rio Timbó é um dos afluentes do rio Iguazu.

3. O POEMA DAS TIMBORANAS

Está na Poesia catarina, por primeiro divulgado no jornal blumenauense: "CIDADE DE BLUMENAU", inserido depois, no livro "Incorporações" (Doze anos de Poesia 1962-1973). E de 1974. A leitura do poema: "ONDE A TIMBÓ REVISITADA" provoca imaginar o poeta regressando genuflexo e declamando. — Timborana é árvore enraizada em TIMBÓ geografia municipal. O poeta sente nos pés nus o úmido da argila viva e se vê televisado no microcosmo:

"No ramo desta memória
desafio as manhãs,
desafio o meu coração".

"Nenhum navio rodou mais
sobre si mesmo
que o meu coração
em viagem circular".

"Oh! Coração, folhagem das timboranas
dos antúrios do vaso
do vazio,
da vazante
do mar longínquo
do tempo de parar
ou de partir".

"Lavar é meu tempo de sempre
Fruta passageira para sempre
nas funduras da memória guardada
entre achas de lenhas rachadas
e súbitas palavras
e a dor entalhada entre as folhas
e rachaduras da realidade
e o continente de viver
onde a sede de terra me ampara
e o tempo oscila
na ambígua imagem".

"Oh! Coração,
celebra a tua órbita ascendente,
que no ramo
desta memória
me armo".

(LINDOLF BELL, Incorporação
pgs. nºs. 14, 15, 16 e 17).

Curiosidades de uma Época - XLIV

O Patrão

S.C. Wahle
1995

Nos anos que antecederam a segunda guerra mundial, o remo era um esporte muito praticado. Havia em Blumenau dois clubes, sendo um situado na descida para o porto fluvial entre o Jardim e a firma Breitkopf.

O Clube Náutico América como era chamado, não só se dedicava eficazmente à prática do remo, como promovia festas sociais com bailes que marcaram época.

No Natal, Carnaval, Páscoa, Pentecostes, aniversário do Clube, etc., os bailes não raro varavam a madrugada afora, alcançando o café da manhã.

O outro clube, conhecido por Clube Náutico Ipiranga, com sede própria situado na Itoupava-Seca, também conhecido pela aplicada prática do remo, era conhecido também pelas boas festas com animados bailes, muito

freqüentados pela mocidade de Blumenau.

Na prática do remo havia uma grande rivalidade entre Blumenau e Itoupava-Seca. Na estatística final, talvez o Ipiranga levasse uma certa vantagem em numero de vitórias.

Havia no América guarnições tradicionais, como a dos Otte que durante muitos anos permaneceram juntas. Talvez o Sr. Sebald Otte, seja um dos que melhor conheceu as atividades do remo do América. O América chegou a vencer páreos até em Montevidéu.

Duas pessoas fizeram época, uma no América e outra no Ipiranga. Trata-se dos patrões. No América foi durante algum tempo patrão João Kracick Neto. Bubi como era conhecido, era um moço sempre alegre e de um raro bom humor. Trabalhava no Banco Nacional do Comércio. Como não via condições de progredir na vida em Blumenau, transferiu-se para o mesmo Banco em Curitiba. Lá além de suas atividades no Banco, conseguiu-se eleger presidente do sindicato dos bancários. Fez o ginásio em curso noturno, e prestou exame vestibular para direito. Uma vez formado em direito, passou a exercer a advocacia, acumulando a presidência do sindicato. Aos poucos entrou na política onde depois de alguns anos foi eleito vereador por diversas vezes. Chegou a presidente da câmara dos vereadores, e numa determinada ocasião com o afastamento do prefeito passou a

assumir a prefeitura de Curitiba.

O patrão do Ipiranga na época era Carlos Haser, mecânico-encanador, que trabalhava nas oficinas de Estrada de Ferro Santa Catarina, na manutenção das locomotivas, principalmente relacionado com o sistema de vapor.

Carlos Haser era uma pessoa de pequena estatura, franzina e o tipo ideal para patrão de remo. Era um cidadão alemão que, embora casado com uma blumenauense, achava que deveria voltar à Alemanha, pois o nazismo encontrava-se em pleno apogeu. Mas, como para tantos outros, terminada a guerra, tratou de voltar ao Brasil. Embora, fosse casado com brasileira e ter filhos brasileiros, na volta ficou retido na ilha das Flores no Rio de Janeiro, para ver o seu aproveitamento. Foi nesta ocasião, que ele foi selecionado por uma comissão da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, para trabalhar na Usina como encanador de linhas de vapor. O sistema de vapor, estendia-se por vários quilômetros. Quando eu assumi o departamento de manutenção mecânica na CSN em Volta Redonda, Carlos Haser reconheceu-me e ficou muito satisfeito por ficar subordinado a um blumenauense. Com a reformulação dos quadros de pessoal, passou a assumir a responsabilidade de todo o sistema de vapor nas funções de encarregado geral, onde prestou relevantes serviços até a sua aposentadoria.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATILIO ZONTA

ASCURRA NA SUA HISTÓRIA A FAMÍLIA BEBER

A Família Beber, procede de Pérgine, Comuna de Civezzano, Província de Trento, Itália, e tem história.

Antes, porém, de desenvolver um trabalho sobre a genealogia e outros temas relacionados à Família Beber, quero salientar que ao dar início às pesquisas, surgiram-me dificuldades, sobretudo, no que diz respeito às distâncias geográficas em que seus descendentes se encontram. Mas, com a participação efetiva de uma turba de parentes e amigos, procuramos dar começo, em linhas gerais e de forma reduzida, ao trabalho, e dizer um pouco sobre as suas migrações por esses Estados em fora.

Esta breve história, terá como condição de infra-estrutura, informações reais de seus netos, que conheceram e conviveram com os patriarcas, STEFANO BEBER e sua mulher, LUCIA EZZEL, bem como, de levantamentos procedidos em documentos de igrejas, em Cartórios de Registros, daqui e de Trento, na Itália, de onde procederam os Beber.

Desejamos rememorar e ressaltar sobre esses imigrantes italianos, bem como, de seus filhos e demais descendentes, dados biográficos, e a sua contribuição inestimável, principalmente, na implantação dos primeiros povoados da PICADA DO RODEIO e da tifa de Diamante e da Colônia de Ascurra, neste Estado. Na escolha de dados para esse empreendimento, presidiu o empenho de

seleccionarmos, embora expressos de viva voz, elementos fidedignos. De início, pareceu-nos uma tarefa impraticável devido à escassez de informações referentes à vida dessas gerações, mas, nossa mente buscando o passado até alcançarmos nossos avós e tio-avós que os conhecêramos em nossa adolescência e com quem vivemos e, juntamente com a contribuição valiosa dos netos de Stefano e Lucia, ainda que temerosos, atiramo-nos com afinco à realização desta investigação genealógica. Entretanto, o trabalho compilatório para a elaboração desta tarefa, ter sido lento, em face das distâncias que encontramos de uma família à outra, o propósito, sem dúvidas, foi alcançado. O que desejamos oferecer à Família Beber, da qual pertencemos e, concomitantemente, a todos os seus descendentes e amigos, visa principalmente, destacarmos, em síntese, o que lhes ocorrera na Pátria de origem à Itália e na terra de adoção, o Brasil, e onde, posteriormente, se estabeleceram; como conseguiram, nos primórdios da colonização aqui, desenvolver as suas atividades e quais delas; de que maneira puderam criar e educar seus filhos diante de poucos meios de subsistência e de inexistência de escolas, mestres e igrejas; e, finalmente, suas migrações. A Família Beber, a despeito do seu berço paupérrimo e sempre destituída de quaisquer privilégios até nossos dias, tem história.

ELIZABETH LETZOW

José Gonçalves

Elizabeth Letzow nasceu na localidade de Passo Manso, Blumenau, no dia 22 de fevereiro de 1915. Filha de Paul Franz e Ella Letzow, é descendente de família modesta, laboriosa, cujos pais, quando ela era ainda bem jovem, mudaram-se para Pomerode. Foi naquela hoje cidade, que Elizabeth frequentou a escola, por volta do ano de 1926. Estudou o quanto pôde, até aparecer a oportunidade de empregar-se e poder assim auxiliar na manutenção da família. Seu primeiro emprego foi na Livraria e Tipografia Blumenauense, do sr. G. Arthur Koehler, cujo estabelecimento também editava o jornal da época, em idioma alemão, "Der Urswaldsbote". Diz ela que o sr. Koehler e esposa dona Elsbeth, eram pessoas admiráveis, fraternas, e que, portanto, sentiu-se muito bem, desde os primeiros dias em que empregou-se naquela firma. Trabalhou na Livraria Blumenauense até o ano de 1935, quando, seguindo sua aspiração profissional, empregou-se no Hospital Santa Catarina, para aprender enfermagem.

Foi no Hospital Santa Catarina, que Elizabeth Letzow realizou-se profissionalmente, começando a executar os serviços mais modestos, acompanhando com o maior interesse toda a evolução do trabalho de cuidados com os doentes, auxiliando em todos os setores, até que conseguiu assimilar profundos conhecimentos

de enfermagem auxiliar, alcançando nível plenamente satisfatório em todos os setores da profissão, chegando mesmo a atuar nas salas de cirurgia.

Durante os trinta e sete anos em que prestou serviços naquele nosocômio, Elizabeth Letzow trabalhou ao lado de diversos médicos da época, que por sua vez, também prestaram assinalados serviços ao bem da saúde da população do Vale do Itajaí. Conheceu e trabalhou com o Dr. Niemeyer, com o saudoso médico Armando Odebrecht, o não menos saudoso Dr. Afonso Rabe, o Dr. Hans Pape (especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta) e, muito especialmente com o então jovem médico Paulo Mayerle que, durante algum tempo, trabalhou no Hospital Santa Catarina, transferindo-se, mais tarde, para o Hospital Santa Isabel, como assistente do saudoso médico Dr. Alfredo Hoess. Elizabeth Letzow refere-se, ainda, ao Dr. Weber, que havia chegado da Alemanha mas que não podia oficialmente clinicar porque não possuía diploma reconhecido no Brasil. Diz que quando ingressou no Hospital o médico residente que atuava diariamente era o Dr. Richter.

Naqueles tempos, o hospital era de pequenas dimensões, mas realizava já um trabalho de muito valor em favor da comunidade em geral. Havia, diz ela,

Muita fraternidade e dedicação extrema para com os pacientes, embora tal espírito e objetivos ainda hoje são o lema de diretriz imposto a todos os servidores do hospital. Mas, naquela época, como é sabido, além de abraçar a profissão num hospital, a formação do berço que cada um dos servidores trazia do próprio lar, era moldada por princípios de muita ternura e preocupante na preservação de certas tradições de afetividade geradas através das famílias que incutiam no espírito de cada um o maior sentido de ordem fraterna. Por isso, além da execução rigorosa de todos os deveres a serem cumpridos pelos servidores, fossem enfermeiras formadas, auxiliares e práticas, como era o caso de Elizabeth, procurava-se não deixar ao esquecimento certos costumes religiosos e de cunho tradicional e cultural que tanto ornamentavam, na época, o espírito das festividades, especialmente do Natal e da Páscoa.

Diz Elizabeth Letzow que, ao longo dos 37 anos em que prestou serviços ao Santa Catarina, nunca deixou-se de montar, no Natal, um belo pinheiro em local que fosse acessível a todos os pacientes internados e, aqueles que podiam ser removidos, eram conduzidos ao local em que a árvore estava montada e ornamentada e, naqueles dias de Natal, a partir da véspera, eram realizados encontros com cânticos por todos os servidores juntamente com os pacientes e não deixava de comparecer, na noite natalina, o Pastor Evangélico para proferir um belo sermão e participar dos cânticos de Natal jun-

to com todos os servidores e enfermos que tinham condições de fazê-lo. Assim, apesar do sofrimento dos que se achavam em tratamento, tais sessões fraternas e festivas amenizavam em muito as penúrias dos doentes e proporcionavam aos servidores oportunidade de confraternizar e reviver as tradições natalinas, já que não podiam, por força do trabalho, acharem-se no seio da família.

As bênçãos do Pastor e os cânticos, a confraternização e a distribuição de pequenas lembranças, transformava-se numa festa em família em pleno hospital.

Ao referir-se a figuras que prestaram assinalados serviços à comunidade e que estiveram ligadas às atividades do Hospital Santa Catarina, Elizabeth Letzow lembra com saudades os nomes da Irmã Martha, cuja biografia esta revista já publicou, dizendo que ela foi, realmente, uma pioneira no serviço à domicílio e que as pessoas de terceira idade devem ter plena lembrança daquela bela imagem de Irmã Martha pedalando sua bicicleta, levando sua bolsa de serviços num suporte em forma de cesta colocado à frente do "guidon" da bicicleta. Refere-se também com saudades e presta homenagem à Irmã Agnes, dinâmica em sua atuação no serviço de enfermagem do Hospital.

A Sra. Elizabeth Letzow, que, neste mês de fevereiro de 1997 está completando seus 82 anos de idade, vive dessas recordações agradáveis de seus 37 anos de serviços prestados ao Hospital Santa Catarina, cujo nosocômio ela ajudou a fazer crescer em

seu conceito, pela maneira com que se dedicou sempre à sua missão de servir. Ela reside à rua Itapema, 157, uma rua variante da rua Itajaí, proximidades da Sul Fabril.

Foi, para nós, um privilégio dos mais agradáveis poder conversar demoradamente com a nossa entrevistada, agradável sob

todos os pontos de vista: tanto pela acolhida fraterna que proporciona a todos que a visitam, como pela sua admirável lucidez e lembranças vivas que continuam tão bem arquivadas em sua jovem memória. Ela possui ainda muitos amigos dos velhos tempos de sua atividade profissional, embora muitos outros já tenham deixado este mundo.

UMA FIGURA INESQUECÍVEL

Geraldo Luz despediu-se no último dia do ano

Enquanto toda a humanidade preparava-se para acolher com festas o novo ano que chegaria em horas, um dos mais autênticos poetas de nossos tempos encerrava seu ciclo de vida nesta terra para viajar em direção ao além desconhecido, levando consigo uma das mais belas bagagens de obras literárias que Blumenau já conheceu. Era Geraldo Luz, que, após longos anos de luta contra males que o assaltaram, sem perder, no entanto, a sua invejável inspiração poética, acabou cedendo às instâncias da lei mais forte — a do destino — e partiu para outro ciclo de vida — a eterna.

A notícia de seu falecimento, e que só apareceu com maior destaque dias após seu passamento, porque faleceu no meio das festas de transição de ano velho para ano novo, consternou seus inúmeros amigos e admiradores.

Geraldo Luz, nascido em Gaspar em 21 de julho de 1938, residiu desde bem jovem em Blumenau, onde formou sua personalidade. Foi professor de história, lecionou no Colégio Pedro II. Nos últimos anos isolou-se em sua casa no bairro da Velha Central,

cuidando de sua perna na qual sofrera uma trombose. Autor de inúmeras obras poéticas, era também reconhecido como verdadeiro homem de imprensa, atuando nos últimos tempos nas páginas do jornal "A Hora".

Do jornal de Santa Catarina, extraímos o tópico final do registro de seu falecimento, em que é dito textualmente:

"Geraldo manteve a sua produção até os últimos momentos, conta o presidente da Fundação Cultural de Blumenau, professor Bráulio Maria Schloegel, um dos poucos amigos a dar o último adeus ao poeta, que foi sepultado ao som do Réquiem, de Mozart. Outro amigo, o jornalista e poeta Carlos de Freitas, via em Geraldo Luz, "um exilado como nós. que constrói o seu barco e deixa a ilha". Freitas diz que o realismo de Geraldo Luz, sua preocupação com o destino, as crianças, imagens e coisas da cidade, não é tecido com palavras realistas. "É urdido com imagens, impressões — (quase digitais), gestos e sentimento humano".

ANTOLOGIAS

Grandes antologias sempre contribuíram para divulgar os autores e preservá-los do esquecimento. Exemplo bem marcante é o da célebre «Antologia Nacional», de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que foi leitura obrigatória de inúmeras gerações de ginasianos e deve ter despertado o gosto pela leitura em muitos deles e até provocado o surgimento de novos escritores.

Hoje elas estão na moda e em toda parte. Em prosa e verso, surgem antologias nacionais, regionais e locais, compendiando as obras dos mais variados gêneros. A própria Fundação, em outros tempos, organizou e publicou diversas delas, reunindo contos e poemas dos blumenauenses.

Entre as antologias mais recentes, merece destaque a «Antologia de Antologias», organizada pelas professoras da UNESP Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino e Zina Bellodi Silva, publicada pela Musa Editora (S. Paulo — 1996) em volume de excelente qualidade gráfica, reproduzindo na capa a conhecida tela «Leitura», de Almeida Júnior.

Com esse trabalho, reunindo 120 textos de autores nacionais, pretenderam as autoras «revisitar» nossos prosadores, dando ao leitor uma mostra do que de melhor se produziu entre nós, desde os tempos de antanho até hoje, entre as quais obras completamente esquecidas e que foram por elas ressuscitadas. Para dar uma idéia do conteúdo do livro, basta lembrar que nele aparecem desde Anchieta, Vieira, o Marquês de Maricá e Rui Barbosa até Érico Veríssimo, Antonio Callado, Drummond e Fernando Sabino, entre tantos outros, com a possibilidade de escolha conforme os mais variados gostos. Humberto de Campos, outro esquecido, faz presença com uma de suas mais sentidas páginas («Um amigo de infância») e João do Rio expõe seu estilo suave de aquarela lavada («Junho de outrora»). Não faltam também alguns dos meus «monstros sagrados», como Lima Barreto, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, este com o primoroso conto «O grilo». Senti a ausência de ambos os Gilbertos — o Amado e o Freyre.

Santa Catarina está representada por Virgílio Várzea (1865/1941), nosso grande marinheiro, autor de «Traços Azuis», «Mares e Campos», «O Brigue Flibusteiro», «Contos de Amor» e «Tropos e Fantasias», este último em co-autoria com Cruz e Sousa. A página de sua autoria — «Manhã na Roça» — é de grande bucolismo e expressividade, contendo algumas expressões bem típicas de nosso povo, como atonetado, direitura e compridão, no sentido de distância.

Para quem aprecia uma boa leitura, daquela que nos levam das gafeiras que ingerimos todos os dias, está aí uma excelente indicação.

LIVROS EM DESTAQUE

«A Testemunha», de Mário Gentil Costa, é uma coletânea de contos ambientados em Florianópolis, ganhadora do prêmio Virgílio Várzea, de 1991, e publicada pela FCC. O autor é um contista consumado, sabe reconstituir muito bem o «clima» ilhéua, com seu humor, ditos e expressões locais, dramas e comédias. *** «Medo de Injeção», de Murillo Ronald Capella, reúne um punhado de crônicas explorando o que o autor chama de «humor médico». Escritas com desenvoltura e leveza, elas aproveitam bem as coisas do cotidiano profissional do autor e produzem no leitor as vibrações desejadas. *** Wagner Alfredo D'Ávila publica «Sobre os Nossos Desenredos», um conjunto de poemas ditados pela inspiração, como ele mesmo diz, acreditando no veio poético de todos nós. Apesar da modéstia, no entanto, o poeta se revela um conhecedor da boa técnica e seus poemas emocionam pela sinceridade do sentimento que expressam. *** «Jóia Líquida», novo livro de Pedro Albeirice, contém algumas de suas mais recentes produções poéticas, e foi considerado uma «jóia poemática» pelo crítico Celestino Sachet. São poemas sintéticos, extremamente econômicos de palavras, mas não são herméticos. Em poucas linhas ele envolve o leitor, infundindo-lhe a emoção. *** Depois de longa ausência, Harry Wiese está de volta com novo livro: «Nebulosa de Amor». Aqui ele publica contos e poemas de Natal num conjunto harmonioso que tem sempre como pano de fundo a festa do nascimento de Cristo.

VARIADAS

Circulam dois novos números — 58 e 59 — do suplemento literário «A Ilha», editado pelo grupo do mesmo nome, de Joinville, tendo à frente o poeta Luís Carlos Amorim. Ambos trazem poemas, crônicas, informações culturais e notícias sobre as atividades do grupo. *** Está circulando também mais um número — 59 — da «Revista de Divulgação Cultural», editada pela Universidade de Blumenau (FURB). Com matérias variadas, jurídicas, literárias, educacionais e científicas, ela se impõe como a melhor publicação do gênero no Estado. A apresentação é excelente. *** Estarei lançando em Brusque, no dia 2 de março, a pequena biografia de Antônio Zendron a que denominei «Um artista chamado Antônio», reconstituindo a vida de um humilde sapateiro que se tornou um dos maiores empresários da região.

LIVRESPAÇO POÉTICO

Jornalista e poeta, José Lara cultiva a poesia com amor extremo. Neste poema, com o qual encerro, ele se inspirou no livro «Vavá, o poeta», de Maria Armando Capelão, mostrando que a alma do poeta é sempre sensível aos dramas humanos.

QUEM SABE?

QUEM SABE se nessas ruas,
tantas crianças estão
(famintas e seminuas)
à espera de compaixão?
QUEM SABE se o passante
que as vê como pivetes,
ladrõeszinhos, assaltantes,
armados de canivete,
atacando os distraídos
para roubar-lhes o «cobre»...
não são, por certo, bandidos,
mas apenas gente pobre,
sem lar, sem amor, sem pão,
numa vida sem sentido?

QUEM SABE se entre os tais
haja sensibilidade
e, no fundo, seja um esteta
que, com solidariedade,
venha a ser grande poeta?
QUEM SABE se entre os tais
sujos «meninos de rua»
que não conhecem seus pais,
tendo, por teto, a Lua...
não serão nossos iguais?
QUEM SABE se algum dia
algum outro não virá
dar-nos a mesma alegria
que o sofrido VAVÁ?...

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (XII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

3º. Livro de Tombo

(1931 — 1977)

Termo de Abertura:

Este livro servirá de Livro de Tombo da Paróquia de São Luiz Gonzaga de Brusque. Tem cento e cinquenta (150) folhas todas numeradas e por mim rubricadas com a rubrica "Frei Norberto" e no fim leva o termo de encerramento.

Florianópolis, 13 de maio de 1931.

Pe. Frei Norberto Tambosi

De Comissão de Sua Excia. Rev.ma.

Ano de 1931

1 — Provisão para receber na Igreja católica: Frederico Stack, em 09/03.

2 — Dispensa matrimonial (José dos Santos e Alma Krüger), em 09/03.

3 — Provisão de bênção da Imagem de Nossa Senhora na Capela de Guabiruba, em 10/03.

4 — Provisão de coadjutor de Itajaí ao Pe. Germano Brand, em 10/03.

5 — Dispensa matrimonial (Roberto Rosini e Júlia Christino) em 17/03.

6 — 13 — Visitas paroquiais: Cedro Grande (28/03), Barracão 29/03,

Ribeirão do Mafra (30/03), Guabiruba (08/03), Limeira (15/04), Barracão (24/04), Guabiruba (13/05).

14 — 15 — Provisões para receber na Igreja Católica: Augusto Rosembrock em 22/05 e Reinoldo Rosembrock, em 22/05.

16 — 17 — Visitas paroquiais: Ribeirão do Mafra (05/06), Barracão (05/06).

18 — Dispensa matrimonial (Saulo Taquini e Alice Maestri), em 07/07.

19 — 23 — Visitas Paroquiais: Limeira (13/07), Lageado (19/07), Guabiruba (26/07), Barracão (07/08), Planície Alta (30/08).

24 — Dispensa matrimonial: Frederico Lüttke e Alma Correa, em 22/08.

25 — 26 — Visitas paroquiais: Barracão (13/09), Guabiruba (27/09).

28 — Dispensa Matrimonial: (Laroino Ferreira e Malida Krieger) em 29/09.

29 — Provisão para receber na Igreja Católica: Amanda Decker, em 29/09.

30 — Faculdades para benzer a

Imagem de Santa Terezinha, em 01/10.

31 — Faculdades para receber na Igreja Católica: Antônio Klabunde, em 07/10.

32 — 40 — Visitas paroquiais: Guabiruba (18/10), Barracão (19/10), Limeira (22/11), Nova Itália (24/11), Guabiruba (27/11), Cedro Grande (03/12), Lageado (06/12), Guabiruba (19/12), Barracão (12/12).

Ano de 1932

1 — 6 — Visitas paroquiais.

7 — Dispensa matrimonial (Albino Baumgart e Jordina da Silva) em 12/02.

8 — 22 Visitas paroquiais.

23 — Provisão para receber na Igreja Católica: Nicolao Galm, em 08/08.

24 — Dispensa matrimonial José Kohler e Carolina Kurb), em 09/08.

25 — 31 — Visitas paroquiais.

32 — Provisão de vigário em favor do Pe. Germano Brand, em 09/02.

33 — Idem, em favor do Pe. Henrique Baumeister, coadjutor, em 09/02.

34 — Provisão de bênção de duas imagens na Matriz, em 10/03.

35 — Dispensa matrimonial (André Gardini e Emma Benvenuti) em 07/04.

36 — 44 — Dispensas matrimoniais, em diversas datas.

45 — Provisão de bênção de duas imagens para as Capelas de Guabiruba e Ribeirão do Ouro, em 09/12.

46 — 49 — Dispensas matrimoniais: (Erhardt Horn e Maria Rosa Amaral) em 25/11 (Oscar Paloschi e Ana Bosio) em 07/10.

Ano de 1933

1 — 2 — Provisões de coadjutor e de faculdades ao Pe. Roberto Bransiepe, em 17/01.

3 — Dispensa matrimonial (Luis Grether e Angela Pellens), em 19/01.

4 — 27 Provisões para os vários atos de culto em favor das Capelas da paróquia, em diversas datas.

28 — Provisão para benzer dois sinos, em 31/01.

29 — 30 — Dispensas matrimoniais (Antônio Vecchi e Cristina Dalla-go), em 04/02 (Alexandre Bertoldi e Tereza Molinari) em 09/02.

31 — 32 — Dispensas matrimoniais: (Artur Zanon e Ilsa Becker), em 14/02 (Guilherme Kistner e Lulza Floriani) em 14/02.

33 — 34 — Provisões de faculdades de coadjutores aos padres Henrique Baumeister e Lourenço Forcius, em 28/02.

35 — Faculdades para receber na Igreja Católica: Clara Hingst em 20/03.

36 — 47 — Dispensas matrimoniais: (Gottfried Hassmann e Erna Schaefer) em 17/04 (Emílio Becker e Alma Weitgenant), em 17/04 (Vicente Mafra e Bernardina Pacheco) em 24/06 (José Marchi e Isabel Tamazia) em 04/07 (Humberto Hermes Hoffman e Maria Mathilde Müller) em 04/08 (João Mafra e Luiza Virginia Pacheco) em 15/09 (Antônio Boos e Cristina Baron) em 15/09 (Reinaldo Barg e Catarina Diersehnabel) em 29/09, (Oscar Isabel e Ursula Nau) em 02/10 (José Schork e Rosalina Hillwok) em 03/11.

48 — Provisão de vigário em favor Pe. Germano Brand, em 28/02.

Ano de 1934:

1 — 3 Dispensas matrimoniais (Bernardo e Olga Fisher) em 16/01, (Adriano Schaefer e Elisa Wippel), em 16/01 (Joaquim José Severino e Maria Ariano) em 01/01.

4 — Provisão de vigário em favor do Pe. Germano Brand, em 28/02.

5 — Dispensa matrimonial (Otilio Zucci e Ana Melato) em 20/03.

6 — Provisão de coadjutores de Brusque e Porto Franco em favor do Pe. Henrique Baumeister, em 28/02.

7 — 19 — Dispensas matrimoniais (Carlos Schaefer e Berta Dierschnabel) em 27/02 (João Filomeno da Rosa e Maria Pereira) em 05/06, (Luiz Avanzi e Irene Caresia) em 05/05, (Arnoldo Ran e Olga Angeoletti) em 09/06, (Fran-

cisco Gissele e Erna Schroeder) em 12/07 (Natal Floriani e Alma Müller) em 12/07, (Francisco Witkowski e Rosa Molinari) em 27/06 (José Raynerte e Albertina Florença) em 28/08 (José Borges e Dominica Martinenghi) em 21/09 (Henrique Fisher e Marta Krieger) em 03/11, (Anselmo Maestri e Josefina Morelli) em 08/11, (Lino Welker e Lydia Diel) em 20/12, (Godofredo L'indorf e Amália Hoemer) em 20/12.

Ano de 1935:

1 — 3 — Dispensas matrimoniais (Pedro Bolzani e Aloina Maraschi em 08/01, (Guilherme Costa e Maria Lanca) em 30/01, (Leo Braziani e Josefa Colzani) em 30/01.

4 — Faculdades para receber na Igreja Católica: Otília Daner em 07/02.

5 — 10 — Dispensas matrimoniais (Edmundo Heil e Amalia Feucher) em 21/02 (Antônio Baron e Elisabeth

Dietrich) em 09/05 (Roque Colsani e Thezeza Rodovelli) em 13/05, (Kurt Geyer e Amália Scharf) em 18/06, (Vitório Floriani e Erica Becker) em 01/07.

11 — Faculdades em favor do Pe-Germano Brand, em 28/02.

12 — 22 — Dispensas matrimoniais (Guilherme Demarchi e Mathilde Müller) em 01/07, (Luiz Lana e Maria Auch) em 18/07, José Schork e Selma Krause) em 18/07 (Adolfo Heinkleber e Leonor Bianchini) em 23/07 (Alfredo Wolkmann e Alma Graeher) em 07/08 (Vitório e Anselma Colzani) em 20/08, (Eugênio Brand e Rosa Vecchi) em 06/09, (Arthur Belz e Rosa Winker) em 06/09, (Santo Assini e Rosa Roncáglio) em 12/09, (Ricardo Hort e Frieda Knob) em 18/09 (Angelo e Clara Riscarolli) em 18/09.

23 — Faculdades para receber na Igreja Católica: Angela Ponchiolli, em 03/11.

ACONTECEU...

JANEIRO DE 1997

José Gonçalves

— DIA 03 — Neste dia, consternou profundamente o mundo católico catarinense a notícia do falecimento do Bispo Dom Gregório Warmeling, vítima de câncer. Dom Gregório, catarinense do sul do Estado, dirigiu durante longos anos a Diocese sediada em Joinville, conquistando dos fiéis catarinenses grande estima, admiração e respeito. Seu corpo foi velado na Catedral do Bispado de Joinville, em cuja cripta foi sepultado.

—DIA 04 — Segundo estatísticas divulgadas pelo IBGE, a população de Blumenau é de 230.988 habitantes. Destes, 113.554 são do sexo masculino e 117.434 do sexo feminino, havendo, assim, um superávit de mulheres de 3.880. *** Estatísticas publicadas apresentaram números alarmantes dos acidentes no trânsito catarinense em 1996. Segundo os números, houve 16 mil colisões, 9.500 feridos e mais de mil mortos. Destes, 418 só na BR-101.

— DIA 06 — Com a assinatura da ordem de serviços, pelo governador Paulo Afonso Vieira e o Ministro Alcides Saldanha, foram iniciados neste dia os trabalhos de duplicação da BR-101, trecho entre Garuva e Florianópolis, um acontecimento verdadeiramente histórico para a posterioridade.

— DIA 09 — Teve repercussão favorável na imprensa e no meio da população a notícia de que o prefeito Décio Lima deu garantias de apoiar a proposta de urbani-

zação da Rua 15 de Novembro conforme projeto apresentado no início da semana pela Câmara de Dirigentes Logistas, e SINDUSCOM.

— DIA 10 — Segundo estatísticas divulgadas pela imprensa, nos últimos 71 dias ocorreram nada menos do que 34 mortes por afogamento nas praias da região. *** No presídio Regional de Blumenau, foi frustrada uma tentativa de fuga de prisioneiros, quando foi descoberto, em tempo, um túnel de 15 metros de comprimento feito em 13 dias e cuja saída estava próxima. *** De acordo com dados colhidos, o forte vendaval com redemoinhos e chuvas torrenciais que desabaram em Blumenau no dia anterior, causaram o destelhamento de uma casa no bairro da Velha, causando alagamento, além de outros estragos em outros bairros da cidade. *** Começou ontem em Pomerode, a Festa Pomerana, prometendo mais um sucesso da tradicional iniciativa.

— DIA 13 — Três homens armados com revólveres calibre 38 e pistola automática assaltaram a agência do BESC da Rua Gal. Osório, bairro da Velha, cinco minutos depois de encerrado o expediente.

— DIA 15 — A imprensa dá destaque ao lançamento do primeiro CD da afamada Orquestra Bruno Montanari, que tanto abrilhanta as reuniões sociais catarinenses há muitos anos. A gravação foi feita pelo estúdio Phoenix Record's Produções Fonográficas.

— DIA 16 — O destaque na imprensa é a notícia sobre o início dos trabalhos desenvolvidos por dezenas de máquinas ao longo do trecho da BR-101, a partir de Garuva, em direção a Florianópolis. *** Segundo informações prestadas pelo Instituto de Pesquisas Sociais da FURB, a inflação em Blumenau em 1996, acumulada, foi de 5,54%. *** Uma comissão constituída por representantes da Fundação Cultural de Blumenau e da comunidade, visitou o túmulo do saudoso historiador Prof. José Ferreira da Silva, no cemitério São José, depositando uma coroa de flores como homenagem à passagem de seu centenário de nascimento. *** A imprensa dá destaque à prisão, numa operação em conjunto da Polícia Militar e Civil de Blumenau a quatro integrantes de uma quadrilha especializada em roubos de carros e assaltos a bancos. Com os presos, dois homens e duas mulheres, a polícia encontrou dois veículos Mitsubich, roubados segunda-feira em Balneário Camboriú e um Gol GTI também roubado.

— DIA 17 — No Shopping Neumarkt foi aberta exposição de pinturas do artista plástico Walter Pitt Quintin, muito visitada e apreciada. *** No bairro da Velha foi encontrado o corpo de uma criança ainda com o cordão umbilical, num riacho próximo ao CAIC.

— DIA 18 — No Parthenon Fiat Service (Hotel) foi aberta exposição individual do artista plástico Arian Grassmück, pinturas de formas retangulares e losangulares — óleo. Nesta edição do Jornal de Santa Catarina, encontramos o registro do falecimento, ocorrido dia 31 de dezembro, do consagrado poeta e jornalista Geraldo Luz. Ainda na edição de janeiro, no registro que fazíamos da circulação do jornal quinzenal "A Hora", fazíamos referência à brilhante redação do Geraldo, sem saber que ele já havia falecido.

— DIA 21 — Como resultado das copiosas chuvas caídas em todo o Vale do Itajaí, as águas do caudaloso rio subiram, em Blumenau, até a marca de 6,00 metros, causando grande preocupação à população, sendo que em alguns locais mais baixos do município, muitas casas foram atingidas pelas cheias.

— DIA 29 — Por decisão do presidente Prof. Bráulio Schloegel, da Fundação Cultural de Blumenau, foi nomeada uma comissão especial para estudar a proposta de reestruturação da publicação "Blumenau em Cadernos", encaminhada pelo Conselho Municipal de Cultura.

Confissões da infância

Knut Evaldo Koster Mueller

FUTEBOL

Quem espera uma estória gloriosa, está muito enganado. E se no final da leitura vier com conversa de analista, aviso, em futebol e correlatos, sou meu próprio analista.

Tudo começou quando me deram uma bola de futebol verdadeira, aquela de couro vermelho, que se enchia com bomba de encher pneu de bicicleta; ventil e amarração com tirinha de couro. Ficava dura e reluzente e tinha quando quicava na calçada. Dei meus primeiros chutes na Alameda, logo atraíram a atenção de uma gurizada bem mais idosa do que eu, com meus 12 anos de idade. Fui festejado e adulado, conduzido logo para o Olímpico, onde se permitia jogar à tarde, apenas como "divertimento".

Dia após dia conduziam minha bola ao Olímpico, onde eu tinha o "privilégio" de ficar sentado na beira do gramado, apreciando as acrobacias e berros dos "mais experimentados". As vezes alguém me chamava ou conduzia para o campo; lá ficava olhando de perto a excitação fanática da turma, sem compreender do que se passava. Voltava para meu lugar. Minha bola logo se transformou em uma esfera áspera e repugnante; perdera todo verniz vermelho.

Numa tarde não me contive mais. invadi o campo, peguei "minha bola" e, sob os gritos de protesto da turma, fui para casa, com o que fora uma bola, sob o braço. Lancei-a na garagem e não a olhei mais. É claro, vieram, implo-

raram, ameaçaram... minha bola simplesmente sumiu. Muito mais tarde fui visitá-la, lá no fundo da garagem: virara uma tigela castanha, murcha.

Mas a coisa me perseguia. Morava na Alameda, e volta e meia multidões ululantes por ela desfilavam indo ou voltando do Olímpico. Não entendia...

Em 1894, Charles Miller trouxe o futebol da Inglaterra (!) para São Paulo; em 1896, Oscar Cox o levou da Suíça (!), para o Rio de Janeiro. Em 1930 já foi profissionalizado. Meu sogro foi jogador do Fluminense, fundado em 1902 e deixou o jogo quando profissionalizado. As vezes comentava: que esforço, dinheiro e tempo o país consome, nesta loucura que dá em nada.

Em 1951 mudei para o Rio de Janeiro. Estudava no Centro e morava no Lins de Vasconcelos. A passagem obrigatória dos bondes e ônibus era pelo Maracanã. Nos dias, ou noites, de jogo levava-se duas a três horas para passar pelo Maracanã. É claro que minha simpatia pelo futebol não podia nascer. Ficam admirados quando declaro que nunca coloquei os pés no Maracanã, e nos outros estádios. Só no Vasco, na rua das Laranjeiras, porque tive de ir a uma cerimônia lá, e não havia como evitar.

Mas, também há um outro lado. Sou Campeão Pan-americano de Futebol, com medalha e foto. Quem quiser saber como, pergunte-me.

Elementos para uma biografia de Acrísio Moreira da Costa

No começo do século XX, os ipês já amarelavam o céu com seu clarão dourado, quando um jovem casal que morava numa casa do Bairro do Batel, em Curitiba, foi agraciado com o nascimento de seu primogênito. O Batel já tinha suas mansões, mas era mais para adiante das soberbas construções, por perto de onde ficava a Churrascaria Cruzeiro, onde moravam Aristóteles Moreira da Costa e sua jovem esposa, Theolides Pinheiro Costa. Por parte do pai o garotinho tinha os avós José Moreira da Costa, português, não um bravo mareante, descobridor de novos mundos, mas um valente maquinista de trem, vindo da cidade do Porto, onde já fora ferroviário, que viera trabalhar na famosa ferrovia Curitiba-Paranaguá, que o gênio dos Engenheiros Rebouças, conseguira pendurar nos penhascos da Serra do Mar. A vovó paterna era a vovó Joaquina, que não se sabe se veio com vovô de Portugal, ou se ele a encontrou aqui no Brasil. Os avós maternos eram o Sr. João Pinheiro, comerciante em Guaraqueçaba, que tinha apoiado a Revolução Federalista e que, além de perder seu capital, ainda devia se considerar muito feliz por não ter sido fuzilado com o Barão do Cerro Azul na famosa chacina histórica. Entre os ancestrais do vovô constava um marinheiro que desertara de seu navio mercante em Paranaguá e que se refugiara entre os nativos da região, casando e constituindo prole numerosa. Consta ainda que seu sobrenome era Piñero ou Piñeiro e uns diziam que era escocês outros que era irlandês, mas tudo faz crer que devia ser galego, pois consta que falava meio atrapalhado, com sotaque, que poderia ser confundido com as outras naciona-

lidades. Dele o vovô Pinheiro herdou os olhos claros e os cabelos louros e lisos que transmitiu aos descendentes. Tinha casado com a prendada filha de outro comerciante local, Dona Francisca da Costa, que adicionou Pinheiro ao sobrenome, e levou, além do dote, as habilidades que deveriam ter as donzelas de boa família daquele tempo. Da mesma forma tinha preparado as próprias filhas, fazendo com que aprendessem música, pintura, bordados, preparando-as para um bom casamento, vocação natural das moças de então. Depois de arruinado, vovô Pinheiro decaiu de sua posição social, mas não perdeu sua dignidade, razão pela qual procurou casar sua filha Theolides, com alguém que pudesse contribuir para a recuperação da família. Apareceu um moço honesto e trabalhador, filho de imigrante português, mas só dinheiro é que não tinha. Tinha trabalhado fazendo fretes de carroças entre as cidades da região, num trabalho que não deixava de ser digno, mas não era nada do que tinha sonhado para aquela filha, que entre várias boas qualidades, sabia pintar muito bem a óleo e aquarela e sabia falar francês. Não teve jeito e Theolides casou com aquele moço pobre com nome de milionário ou filósofo grego. Por coincidência a moça também tinha um nome grego e apaixonados que estavam, casaram-se e foram morar na casinha do Batel.

O bebê tinha sido ansiosamente esperado, uma boa parteira tinha sido contratada e naquele dia 13 de outubro de 1908, nasceu sem complicações um robusto menino de grandes olhos castanhos, curiosos, analisando aquele ambiente novo e desconhecido. Qual seria o nome que

iriam dar à criança? Seria José como o avô paterno, ou João como o outro avô? Depois de muito deliberar e ensaiar nomes, chegaram a uma decisão: um nome grego como o deles, visto não sei onde, talvez nos jornais ou num livro de mitologia grega como sendo nome de um rei. E lá se foi o Sr. Aristóteles registrar o filho com o nome de Acrísio e o sobrenome inteiro do avô português: Moreira da Costa.

Como foi sua infância? Existem poucos dados a registrar, mas como todo o filho de família modesta, deve ter feito o curso primário sem ter ido ao Jardim da Infância. Consta que no primeiro ano, quando ainda não sabia ler bem, a professora quis ensinar um canto para o Dia do Paraná, 19 de dezembro. Para isso repetiu até a exaustão estrofe por estrofe até as crianças aprenderem de cor. A primeira estrofe dizia o seguinte:

Dia de patriotismo
De alegria estadual
Alvorada de civismo
De nosso grandioso Paraná.

O pequeno Acrísio decorou mas não chegou a entender bem o que queria dizer. Para ele soava assim:

Dia de bater o trismo
a alegria está no ar
arvorada de ser vismo
de nosso grande osso Paraná.

Contam que era um menino valente, pois não vacilou em convidar uns companheiros para irem esperar a Espanhola, quando ela chegasse pela rua do Batel, sendo que se prepararam fazendo um monte de pedras na entrada do Jardim Providência, imaginando que a famosa gripe que matou milhares de pessoas depois da Primeira Grande Guerra Mundial fosse uma mulher má, uma bruxa ou feiticeira das histórias infantis, que ia chegar em Curitiba.

Não levava desaforo para casa e de vez em quando saía para a briga na saída da escola. Consta que havia um meninão gordo e forte, mais alto do que ele que o provocava. Um dia, pegaram-se aos pontapés e sopapos, sendo que o garoto gordo, Atilio Alice, levava vantagem. O Acrísio conseguiu levar a briga para a beira da valeta a céu aberto e depois de desequilibrar o grandão, caiu com ele dentro da valeta. Como ficou por cima, aproveitou para encher de socos a cara gorda do outro, lambusando-o de lama vermelha. Chegando em casa todo sujo e de olho roxo, o Sr. Aristóteles, conhecendo o pai do garoto grande, foi reclamar da surra que ele dera no seu filhinho, mais baixo e mais fraquinho. Chegando à casa dos Alice, o pai do menino, após escutar o que o Sr. Aristóteles tinha a dizer, respondeu: "Venha ver, então como ficou o meu". Lá estava o Atilio sentado dentro de uma bacia de água suja e a mãe a lhe tirar barro vermelho de dentro do ouvido. Tudo acabou em gargalhadas.

Consta ainda que existia um companheiro de jogos de futebol nos terrenos baldios do Batel, cujo nome ficou na memória, pois a mãe do menino costumava chamá-lo para o café da tarde com um grito prolongado ao pronunciar o nome nada comum de Geminiãããño.

Nessa altura os irmãos do Acrísio estavam vindo com pequeno intervalo. Logo depois dele nasceu Maria José, clarinha, de olhos verdes. Depois mais um menino, que recebeu nome de filósofo grego: Platão. Em seguida mais um menino: Francisco, e por fim o último menino: Henrique. Todos tinham apelido: Zizi, que era o Acrísio; Zezé, que era a Maria José; Chico, o Francisco; Tatão, o Platão; o Henrique ainda não tinha. Este apelido o Acrísio detestava e fazia tudo para que ninguém soubesse. Os pais também tinham apelido: o Sr. Aristóteles todos conheciam por Sr. Aristo e Dona Theolides ninguém sabia quem era, pois todos a conheciam como Dona Sinhara. Quando pa-

reclá que iam ficar só nos cinco filhos, começaram a nascer as meninas: primeiro a Ivone, depois a Dalila e por fim a caçulinha que teve dois nomes: Dora Regina. As duas últimas ainda vivem em Curitiba.

Naquele tempo só se frequentava a escola até a 4ª. Série. O ginásio, que era como se chamava da 5ª. à 8ª. Série, era só para quem fosse estudar para doutor. Os meninos de famílias modestas iam no máximo para cursos técnicos ou ingressavam como aprendizes em estabelecimentos de profissionais já existentes para aprender um ofício. Na maior parte das vezes não ganhavam nada nos primeiros meses, depois é que iam ganhando uns trocados. O Acrísio começou a trabalhar em pequenos empregos sem muita importância, que não deixaram muitas lembranças, a não ser o de uma fábrica de sabão, onde se queimou com soda cáustica. Além de repórter de jornal aos 17 anos, Acrísio conseguiu seu primeiro bom emprego na Empresa Força e Luz do Paraná, no setor de contabilidade, depois de ter frequentado o Instituto Comercial e feito o Tiro de Guerra.

O ambiente da Empresa Força e Luz era muito formal e britânico, como eram seus dirigentes, que falavam com o indefectível sotaque cantado. Num dia em que o Acrísio se atrasara de manhã e a custo conseguiu chegar a tempo, não fora possível fazer a barba. O Chefe chamou o funcionário e fez-lhe ver que não estava "convenientemente vestido" e deu licença para que fosse até um salão de barbeiro para cumprir aquela formalidade indispensável.

O jovem Acrísio, como os moços da época, caprichava na aparência e seguindo os modelos do cinema mudo, usavam a indispensável palheta, sempre com terno completo, calça de boca estreita, colarinho alto e engomado, deixando aparecer a gravata, ou fina e estreita, ou borboleta. Até polainas de feltro cobrindo os sapatos, os pés metidos em meias, seguras no lugar por meio de ligas apoiadas na

barriga da perna. Depois disso tudo, à indispensável bengala de madeira de lei, encimada por castão entalhado. Acrísio chamava atenção pela elegância, conforme fotos da época.

Em sua vida sentimental apareceram algumas paixões ligeiras, logo esquecidas, mas havia uma que durou mais tempo e que parecia ser a companheira que o destino lhe reservara para sua vida toda. Heloisa, de olhos claros, cabelos castanhos e uma expressão sonhadora no rosto oval. De origem italiana, tinha um quê das madonas rafaelinas em seu semblante. Acrísio não tinha ainda decidido nada para o futuro e deixava o tempo correr até que as coisas melhorassem e talvez mais tarde pensasse em dar um passo mais sério na vida, pedindo-a em casamento. Um dia, seu melhor amigo, Iris Ravaglio, chegou perto dele com um ar sério e disse o seguinte: "Acrísio, eu sei que você já foi namorado da Heloisa. Nós agora estamos namorando e eu pretendo me casar com ela. Que informações você pode me dar dela?" Foi uma tijolada no peito do jovem Acrísio, que amargou a maior decepção de sua juventude. Demorou muito até se curar. Depois de muitos meses, começou a prestar atenção na pianista do cinema que frequentava. Naquele tempo, como os filmes eram mudos, tinha que ter sempre uma música para preencher o vazio. Alguns cinemas tinham pequenas orquestras e os mais modestos apenas um pianista. Essa mocinha, quase uma menina, se esmerava em dedilhar as teclas de marfim, enquanto os cowboys, Chico Bóia, Carlitos, Gordo e o Magro, Ben Turpin, Harold Loyd, faziam macaquices na tela. Quando era assunto triste, lá ia uma valsa, quando era alegre, uma marchinha, e lá ia animando a platéia. Quem seria aquela mocinha de cabelinho preto e liso, de franjinha e duas pontas, uma de cada lado do rostinho redondo. O vestidinho da época meio curtinho mostrava as perninhas grossas, bem feitas. Não foi difícil descobrir: seu

nome era Lavínia da Cunha Pacheco e tinha dois irmãos que a acompanhavam e que já os conhecia do Instituto Comercial, o Ilio e o José. Sua mãe era viúva e tinha mais três filhos, duas meninas e um menininho que ainda usava calças curtas. Morava na rua Silva Jardim, 44, numa casa que o falecido pai tinha comprado. Como a mãe também se chamava Lavínia, em casa era chamada de Lavininha. O romance foi rápido. Logo estavam firmes, como se dizia e o Acrísio começou a frequentar a casa dos Pacheco. Animou-se com aquele novo amor e numa noite, pediu a mão da mocinha em casamento, quando estavam todos reunidos na sala. Numa noite de inverno, quando se despedia, notou que nevava. Voltou, bateu na porta e lhes disse: "Venham ver neve". E todos puderam apreciar aquele fenômeno raro, mesmo na fria Curitiba.

Casaram em 31 de janeiro de 1929. Lavininha passou a chamar-se Lavinia Pacheco da Costa. Não consta nenhuma foto de casamento tradicional, mas existia uma dos dois na manhã seguinte de núpcias: ele de pijama listado, com alamares nas casas dos botões e ela de roupão curto floreado. De que cor não se sabe, pois a foto é em preto e branco. Acrísio agora já trabalhava no Banco Nacional do Comércio de Curitiba. Melhorara seu ordenado e Lavininha ainda ia tocar no cinema, agora com o marido do lado, que assistia cinema de graça. Mais alguns meses, porém a gravidez superveniente cortou a carreira de pianista de cinema e nasceu o primogênito. Era esperado para o Natal até mesmo para o mesmo dia 25, mas o menino era muito sem pressa, tranquilo e bonachão, esperou que passassem todas as festas, até mesmo o Ano Novo e só veio a nascer em 3 de janeiro de 1930. Muito clarinho, olhos verdes, cabelos lourinhos, carinha gorda e bochechuda, contrastando com os pais, de cabelos escuros, ela de olhos pretos e o pai castanhos. Não poderia ter havido troca na maternidade, pois a parteira ti-

nha vindo atender em casa. Agora surgiu o problema: a escolha do nome. "Será Adriano", dizia o pai. "É um nome forte, nome do imperador romano". A mãe, no entanto, lembrou-se de uma parenta que tinha um casal de filhos com os nomes de Ruy e Ruth e que achava tão bonito. "Vai se chamar Ruy", disse ela. "Ué, nome de algum ex-namorado?" Perguntou o pai. Esclarecido o porque, o pai registrou o menino com o nome que a mãe quis. "Adriano fica para o segundo, concordaram. Assim o menino Ruy escapou de se chamar Adriano. O sobrenome foi o que veio com o bisavô José: Moreira da Costa. Na revolução de 30, quando Getúlio passou por Curitiba, em 5 de outubro de 1930, Acrísio levou o filhinho Ruy fantasiado de revolucionário, lenço vermelho no pescoço, que nem maragato, para ver o desfile das tropas. Um ano depois nascia uma menininha de cabelinhos e olhos pretos. "Não vai ser Adriana, vai ser Ruth", disse a mãe. E foi registrado o neném como Ruth Pacheco da Costa, pois mulher quando casa troca de nome. Mais tarde, já em Blumenau, quando morava à rua Amadeu da Luz, 22, nasceu mais um menino, em 9 de junho de 1940. Nesse filho conseguiu dar o nome de Adriano, apesar de Dona Lavininha ter conseguido juntar a este nome mais um nome que começasse por RU. O nome do bebê ficou Rubio Adriano Costa. O pai não deu o nome completo, pois, talvez tenha achado que iria ficar muito comprido mais o Moreira.

Mesmo com o horário do banco tendo somente hora de entrada e não hora de saída, Acrísio continuava estudando. Cursou o Instituto Comercial, a Academia Paranaense de Comércio e em 30 de janeiro de 1932, formou-se Guarda Livros. Não bastava para o Acrísio, queria mais. Formou-se em 30 de dezembro de 1934 Perito Contador, o que equivale hoje ao grau superior de Ciências Contábeis. Logo que se formou, foi convidado a lecionar na mesma Academia e foi titular pro-

fessor de Técnica Comercial, Mercetologia, Contabilidade Industrial, Agrícola, Bancária e Estatística.

Os colegas do Banco Nacional do Comércio, Agência de Curitiba, que mais deixaram lembranças foram: O gerente, Sr. Ribas, Alfredo Piazzeta, Graciette Salmon, Augusto Wanner, João Kracik Neto, Raul Chatagnier, que eram sempre mencionados.

Pelo que se vê, Acrísio desenvolveu uma atividade intensa, de 1930 a 1937, estudando, trabalhando, até que seu sistema nervoso começou a dar sinais de alarme. No início foi uma simples desconfiança, achava que os outros estavam sempre criticando, caçoando, falando mal dele. Depois, mais tarde, começou a querer tirar satisfações, para espanto dos outros, querendo até brigar. Consultou um médico, Dr. Alô Guimarães, o melhor psiquiatra da época, que lhe recomendou mudar de lugar, de bairro, até de cidade, se pudesse. Lembrou-se do colega Raul Chatagnier que tinha se transferido para Blumenau, em Santa Catarina. Tinha pensado em optar por Ponta Grossa e Joinville, mas já estivera nessas duas cidades, já não eram novidade. Em Blumenau nunca tinha estado. Pediu transferência no Banco Nacional do Comércio e em 7 de setembro de 1937 mandou-se e o pai Sr. Aristo, despachou a mudança pela Rede Ferroviária Federal, inclusive o plano de estimativa de Dona Lavininha.

Já na nova cidade, diferente em tudo de Curitiba, teve contacto com o pessoal da Agência, num prédio não muito novo, no começo da rua 15 de Novembro. O gerente era o Sr. Franz Weber, alto magro, de óculos com um ar de cientista, exímio violoncelista da Orquestra Sinfônica da Cidade. O contador era o Sr. Acary Guimarães, ainda jovem, de aspecto amigável, risonho um pouco mais para gordo que magro. O colega Raul apresentou-lhe os demais. Kretschmar, o Caixa, Alex Huscher, Alfredo Zinkhahn, os Schadrack, Flávio Ferraz, Siegfried Weber, o Freytag, até o contínuo Mario Onken. Alugou uma

casa num bom lugar, por um ótimo aluguel, na rua Pastor Hesse e tudo era novo, tudo estranho. Quase tinha esquecido de sua crise nervosa. Teve que voltar a Curitiba para acertar algumas contas que deixara, vender um lote na longínqua Vila Guaíra, de pouco valor. Veio com a família até Joinville, onde pernoltoou. De manhã foram às 7 horas até a estação de trem e foram informados de que o trem para Curitiba estava com atraso de mais de 6 horas. Pegou um táxi e chegou a Curitiba depois das seis horas da tarde, após uma viagem cansativa pelas estradas de barro e atoleiros, onde teve até que empurrar o táxi. Em Curitiba, a crise voltou e foi bem pior. Teve até que ser internado. Depois de melhorar, voltou a Blumenau e por um longo tempo evitou voltar a Curitiba, nem mesmo para passear e rever parentes.

Em 1940 conheceu Rodolfo Gerlach, diretor da Escola Pedro II. Fundaram uma Escola Prática de Comércio, que funcionava em horário noturno no mesmo prédio da Escola, tendo mais um sócio: José Sanches Junior. Nesta escola estudaram muitos blumenauenses que nunca teriam tido noção alguma de contabilidade não fosse aquele grupo de professores. Alguns anos depois, com o surgimento da Escola Técnica de Comércio do Colégio Santo Antônio, a escola do Pedro II foi extinta e Acrísio foi convidado para lecionar naquele Colégio, onde permaneceu por mais de 20 anos.

Em 1941 ouviu falar que o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina estava procurando sub-contadores para a Matriz. Escreveu-lhes uma carta em 4 de fevereiro de 1942, candidatando-se ao posto. Logo aos 18 dias do mesmo mês, o Banco Inco respondeu, oferecendo o cargo, com o ordenado de 700 mil réis fixos, mais 50 mil réis de comissão. Para os 500 mil réis que ganhava no Banco Nacional do Comércio foi um salto. Mudou-se com a família para Itajaí, onde já conhecia a família Lorgus: o patriarca Sr. Arthur e os filhos Oscar e Walter, além do Ote-

lo que tinha sido vizinho em Blumenau. Assumiu o cargo com entusiasmo e dedicação. Fez, também, boas pescarias e a cidade de Itajaí foi mais uma mudança de ares benéfica para sua saúde mental. No Banco e na cidade fez muitas amizades, entre as quais os colegas Serafim Franklin Pereira, o outro Sub-contador, e o Sr. João José Alcântara. Pelo mês de maio daquele mesmo ano, recebeu uma carta de seu amigo desde os tempos de Curitiba, Sr. Curt Stoeterau, oferecendo-lhe o cargo de Contador Chefe da Contabilidade da Empresa Industrial Garcia S.A. de Blumenau. O ordenado era bom: um conto de réis. O Acrísio pediu alguns dias para pensar. Ficou na dúvida. Sempre fora bancário desde 1930 e tinha recém assumido o emprego no Banco Inco. Durante uma visita ao Sr. Arthur Lorgus quando já estavam na dúzia inteira de cervejas, perguntou ao velho e experiente amigo: "Qual a sua opinião? Que devo fazer?" O velho já meio obnubilado pelas brumas da embriaguês só disse duas frases: "Acrísio, você é uma besta! Tem essa oportunidade e ainda diz que está em dúvida!" Não foi preciso de mais nada, em 13 de Junho de 1942, desligou-se do Inco e voltou para Blumenau. O Sr. João Medeiros Jr. tinha saído em 1940 da Diretoria da Empresa Garcia e a nova Diretoria, encabeçada pelo Sr. Ernesto Stodieck Jr. estava procurando evitar ser incluída na "Lista Negra" da Polícia Federal, como firma dirigida por descendentes de súditos alemães, simpatizantes do nazismo. O recurso era incluir como empregados elementos luso-brasileiros, como o Acrísio para desfazer a impressão. O ambiente era bem diferente, mas foi se adaptando com facilidade à nova situação. Assessorava a Diretoria nos problemas com as autoridades. Passado esse período crítico, não antes da ocasião da famosa greve de 1943 na Empresa, quando houve até intervenção policial para desalojar grevistas da entrada da fábrica, a gestão dos negócios da Garcia ia em fran-

ca prosperidade. Em certa altura, foram criados cargos de Diretores Adjuntos e o Acrísio foi um dos escolhidos. Faziam parte dessa Diretoria, além do Sr. Ernesto Stodieck Jr., os Srs. Alfredo Iten, Erich Gärtner, Wolfgang Nerlich, Rolf Ehlke, Sr. Elsen.

Nas outras atividades profissionais e sociais, Acrísio fez parte da Gerência da Rádio Clube de Blumenau em 1939, tendo sido o criador do programa "Peça sua Música", para conseguir mais renda para a Rádio. Cada música custava dois mil réis por pedido. Foi sócio fundador do Círculo de Orquidófilos de Blumenau e colecionador de orquídeas. Foi presidente do Clube Náutico América em 1945 e 46 e levava muito a sério sua função. Organizou um concurso para eleger a Rainha do Clube, tendo sido eleita a Srta. Nilda Nascimento. Foi brilhante a Festa da Coroação, mas para o Acrísio sobrou apenas uma inimizade que durou toda sua vida. Foi membro da Diretoria da Associação Comercial de Blumenau e colaborador do respectivo Boletim Mensal, com escritos sobre contabilidade. Prestava assistência contábil aos Lorgus, fazendo-lhes as escritas das lojas de calçados de Blumenau e de Itajaí, além de serviços profissionais a diversos empresários e industriais fazendo contestações em processos da Fazenda da União sobre Imposto de Renda. Preparava o rascunho das peças jurídicas e como não era advogado, outros assinavam e ganharam muitos processos. Abriu um escritório de contabilidade em sociedade com os irmãos Arno e Herbert Kirsten, que durou apenas um ano, pois o filho Ruy, que atendia o expediente ingressou no Banco do Comércio e Indústria de São Paulo. Foi Presidente do Amazonas Esporte Clube, na época em que teve que mudar de nome, tendo sido quem sugeriu o nome Aimoré, que foi o nome com que deixou de existir. Na Cooperativa de Consumo dos Empregados da Empresa Industrial Garcia, foi Presidente vitalício, desde sua fundação.

Como pai, Acrísio queria ser mais amigo do que pai, mas era pai exigente, principalmente em questão de obediência e também pelo princípio de que homem tinha que ser forte, nada de frescura e frouxidão. Todas as atitudes tinham que ser varonis e não de "maricas". Quanto à filha, era tratada sem mimos, mas com maior condescendência. Não era tão exigida em questão de estudos, mas não admitia trajes indecentes. Quanto a liberdade de sair, ir a festinhas, bailes, cinemas só com os pais ou com o irmão mais velho, principalmente depois de noiva. Criou os dois filhos mais velhos sem acreditarem em Papai Noel nem em Coelho de Páscoa. Dizia que não queria que crescessem acreditando numa mentira. Os vizinhos e os conhecidos ficavam escandalizados. A filha casou cedo, aos 16 anos, depois de um noivado de um ano, e aos 17 anos já era mãe do primeiro neto do Acrísio: Orestes Woestehoff. Logo depois veio o segundo neto: Aramis Woestehoff e mais tarde o terceiro: Hermes Woestehoff. Do filho Ruy só chegou a ver o João Paulo Moreira da Costa; o Eduardo nasceu depois do seu falecimento. O filho Ruy, o Acrísio estava encaminhando para ser engenheiro ou arquiteto, pois tinha muita aptidão para o desenho. Quando estava terminando o segundo grau, resolveu casar. Foi uma frustração para o Acrísio, pois não fez vestibular e começou a trabalhar como guardalivros, depois como bancário. Quando passou no concurso do Banco do Brasil, compensou parcialmente seu desapontamento. O caçula, Rúbio, iria se formar e não faria como o Ruy. De fato, Rúbio fez o vestibular de engenharia e passou na Universidade do Paraná. Tranquilamente, achava que mais 6 anos Rúbio estaria formado. Depois de três anos, Rúbio resolveu trocar de Curso, passando para a Arquitetura. Tudo bem, pensou Acrísio, é só transferir as matérias já feitas. Qual não foi sua decepção ao saber que Rúbio perdera todo o crédito das matérias feitas

na Engenharia. Só em 1968 formou-se e o Acrísio já tinha falecido. Nunca chegou a ver os filhos formados em curso superior. Ruy fez o curso de Direito em 1968 a 72 e colou grau em 1973 na FURB. Mais tarde João Paulo, seu neto, formou-se na mesma, em 1991. Além dessas duas frustrações, Acrísio ainda tinha mais uma: a de não ter tido uma neta. A única neta, Mariana, filha do Rúbio, veio depois de sua morte. Teve, porém, uma afilhada, Zuleica, filha de Maria Tereza e Harald Gonçalves da Luz, que lhe fazia as vezes de neta. Outra preocupação que sempre o acompanhou, foi a de encontrar homônimos seus, pois Acrísio é um nome nada comum. Um dia soube que o filhinho do Sr. Bretzke, que fazia fretes para a Garcia, chamava-se Acrísio Bretzke. Ficou feliz com o descoberto. Deu presentes para o menino e perguntou ao Bretzke Pai, o porquê daquela escolha. "Pensei que o Sr. fosse uma boa pessoa", respondeu ele. O Acrísio ficou na dúvida com tal resposta.

Apesar de o Sr. Aristo, seu pai, ser professor de música, exímio flautista, clarinetista e entusiasta de banda de instrumentos de sopro, tendo mesmo organizado a Banda do Abrigo de Menores de Curitiba e feito parte da Banda do Tiro de Guerra Rio Branco, Acrísio não herdou muito talento, apesar de ter alguma noção de música e "arranhar" alguns instrumentos, tais como flauta e bandolim. Do bandolim safa uma razoável "Ave Maria", aquela que Augusto Calheiros cantava: "Cai a tarde tristonha e serena"... Seu irmão Platão, sargento músico do Exército, muito talentoso, tocava desde trompete e pistón até piano e gaita de boca e também era um ótimo arranjador de partituras para orquestra. O irmão Henrique era um mestre em saxofone, clarineta e oboé, tendo feito parte da Orquestra Polonesa da Sociedade Juventus. Acrísio cantava bem, como suas irmãs. Ivone, que imitava Carmem Miranda e Dalila, que até hoje, aos 74 anos, tem uma voz excelente

Dona Sinhara achava que a voz do Acrísio parecia a do cantor Carlos Galhardo. Acrísio apreciava muito as cantoras líricas e quando veio a Blumenau a cantora Erna Sack, conseguiu um lugarzinho no balcão do Teatro Carlos Gomes para ver a cantora e ouvir aquela voz privilegiada alcançar aquele agudo que se escutava nas gravações fofas da época. Organizava saraus musicais em casa, Dona Lavininha ao piano, chamava as crianças e com elas cantava as músicas que iam desfilando. Mais tarde, com a chegada de toca-discos, organizou uma pequena discoteca, da qual constavam sopranos, contraltos e tenores líricos. Acrísio tinha muita facilidade para escrever, tendo publicado vários artigos em diversos periódicos. Conseguiu fazer sonetos com boa métrica e excelentes chaves de ouro. A filha Ruth chegou a declamar alguns deles em festas de escola. Também fazia sonetos especialmente para seus colegas mandarem para as namoradas. Isto Acrísio fazia com muito engenho e arte, mas o que não fazia com tanta habilidade era dirigir automóvel. Tinha um Ford 40 Coupê, em seu nome, mas quem usufruía do carro era o genro Horst. O Acrísio só requisitava o carro aos sábados para ir até Balneário de Camboriú. Ia e voltava no mesmo dia, às vezes só à tarde. Como o motorista funcionava a cerveja, Horst tinha direito a duas cervejas: uma ao chegar em Camboriú e outra na volta em Gaspar, no bar do Sr. Rolando Schoenfelder. Quando o Horst não podia ir, o Acrísio ia dirigindo, mas todos tinham medo de ir como passageiros, devido à sua imperícia. Só o filho Ruy e a nora Maria Antônia tinham coragem de acompanhá-lo. Tinha tal pavor daquela ponte na entrada de Itajaí, em Cordeiros, aquela que tinha uma subida e uma descida, que na noite anterior ficava sem dormir pensando nela, quando tinha que dirigir. Hoje em dia, desativada, a ponte fica do lado da via pública.

Em questão de saúde só se tem notícia de algo grave em sua mocidade no

que se refere ao Stress, que o levou a se mudar para Blumenau. Depois de curado, nada mais se notava. O Acrísio era uma pessoa muito correta, dedicada e energética no serviço, mas também era muito alegre nas festas e gostava de uma churrascada, com bastante cerveja, como naquelas na chácara dos padres franciscanos, quando era professor. Durante muito tempo participou de uma turminha que se reunia duas vezes por semana para um joguinho de cartas. Faziam parte dela Raul Chatagnier, Otelo Lorgus, Osmar Ramiro de Assis, Alvaro de Souza Lima, Eugênio Jahn, Procópio Telles, Eugênio Soutinho, Harald Gonçalves da Luz e outros ocasionais. Por volta de 1959 começou a ter problemas circulatórios. Seu primeiro cardiologista foi o Dr. Carvalho Pai. Mas não seguia muito as recomendações. Seus remédios eram Allium Sativum e Melhoral. Um baixava a pressão e o outro levantava. Uma ocasião o médico recomendara repouso absoluto por um mês. Optou então pelo Hospital Santa Catarina. Dois dias foram tranquilos, no terceiro dia um prédio da rua Araranguá começou a ser reformado e lá veio barulho. Foi para sua casa de Balneário Camboriú, na esquina da rua 3100 com Avenida Brasil, que ainda não existia. O vizinho da frente, Mauro Kreibich, do outro lado da rua, inventou de reformar a casa antes da temporada (era setembro) e lá veio barulho outra vez. Mais tarde, em fins de 1963, depois das festas de Natal e Ano Novo, resolveu tirar umas férias para valer. Tinha uma nova casa à rua 700 e seriam 30 dias sem fazer nada. Só andar na praia e comprar peixe direto dos pescadores. De repente, chamam-no para uma Assembléia Extraordinária da Empresa Industrial Garcia, lá pelo dia 25 de janeiro. Foi a camionete da empresa buscá-lo e viria trazê-lo à noite. Não voltou mais à praia. Foi direto ao Hospital Santa Catarina, onde ficou internado uma semana. No dia 31 de janeiro, de madrugada, às duas horas, veio a morte buscá-lo num infarto fulminante.

Era dia de festa de 35 anos de casamento. No mesmo dia seguiu seu corpo para Curitiba, onde foi sepultado às 5 horas da tarde, no túmulo onde já estavam os restos do Vovô Pinheiro, Sr. Aristo e Platão. Dez anos após sua morte, em 3 de maio de 1974, a Folha de São Paulo publicou na página 10, entre outros avisos fúnebres: "A família de ACRISIO MOREIRA DA COSTA, desolada, participa o seu falecimento ocorrido ontem, nesta Capital e convida os parentes e amigos para acompanharem o féretro que sairá hoje, às 10 horas do Velório do Hospital Albert Einstein (Morumby) para o Cemitério do Morumby". Seu homônimo completo acabara de falecer em São Paulo. Os filhos e amigos de Blumenau ficaram impressionados.

Neste pequeno trabalho que pretende dar uma idéia de quem foi Acrísio Moreira da Costa, nas suas várias facetas, espera-se que tenham percebido que sob seu aspecto franco e sincero, por vezes

até rude e áspero, jazia a personalidade do garoto vindo de família humilde e numerosa, com muita vontade de ser alguém na vida e que com o trabalho constante e honesto, conseguiu galgar os degraus do sucesso profissional, ao mesmo tempo que conservou a sensibilidade de se emocionar ao ver uma criança cantar, dançar ou declamar nas festas escolares e de família. Quando a estabilidade financeira viria a lhe proporcionar a ocasião de usufruir do patrimônio que conseguira adquirir, o destino o levou. Não conseguiu se aposentar para realizar um sonho que acalentava: o de se estabelecer com uma empresa de pesca. Uma vantagem, porém, teve em ter partido tão cedo: não teve o desgosto de ver a Empresa Industrial Garcia S.A., a quem dedicara sua vida, ser encampada por outra concorrente, de menor patrimônio.

Ruy Moreira da Costa
Outubro de 1996

REMINISCENCIAS DA 15

Werner Henrique Tönjes

(Dedicadas postumamente à minha mãe Lilly Strassmann Tönjes e a sua prima Irmgard Karsten motivadora dos escritos sobre a XV, pela frase: "Werner Du bist in der XV aufgewachsen" — Werner, tu nasceste na XV").

1. 8 DE MAIO DE 1945

Ao anoitecer a multidão festiva percorria a rua XV de Novembro de uma ponta a outra com o ânimo exaltado. Muitos exigiam em coro que os moradores acendessem as luzes de suas residências. O povo parou na frente da antiga livraria vizinha à Confeitaria Tönjes. A algazarra era grande e impossível ouvir o que bradavam. Henrique era o proprietário de uma bateira de pesca e um fiel criado, a tarde providenciara um kit de emergência composto de roupas e alimentos para qualquer caso. Chamaram-no. Levando o filho

de 7 anos no braço, aproximou-se da janela. O ajuntamento foi pouco a pouco se acalmando, o menino era brasileiro. Vozes então se fizeram ouvir. Acenda as luzes! Acenda as luzes! Incontinentemente cumpriu-se o desejado e a multidão afastou-se. Noutro dia desordeiros assaltaram as residências da XV, inclusive a nossa, retirando objetos de valor do seu interior; foram no entanto pegos de surpresa por um brasileiro nato, Celso S., que a pontapé fez-os rolares escada abaixo. Posteriormente estes elementos retornaram a Blumenau; em outros lugares o desemprego

grassava e aqui havia comércio e indústrias fortes. O empresariado local conhecia-se mutuamente e trocando informações boicotou o acesso empregatício, dando o troco aos forasteiros desordeiros.

2. ANOS DE CANÍCULA

Nos anos de grande seca e racionamento de energia elétrica na década de 40 e 50, a minha avó Annchen servia com pontualidade germânica às dezoito horas, o jantar, como estivéssemos na gélida Frís.a. O cardápio compunha-se de sopa de verduras, pão, manteiga e frios acompanhados com chávena de chá mate. O fogão a lenha fazia sua parte aquecendo a sala de refeições no verão. O suor corria em bicas, antes do jantar ser servido, e após o desjejum era um horror de quente. Não havia ventilador, muito menos ar condicionado. Mesmo com todas as janelas abertas para o rio Itajaí-Açú, o vento era pouco circulante, Usava-se leque ou andava-se pela calçada da XV a fim de amenizar a queimadura. Outro dia começava tudo de novo, aí vinha uma chuva rápida e refrescante para depois a umidade retornar mais forte. Ao meio-dia a rua ficava deserta, o sol abrasador espelhava-se no paralelepípedo. Até o cão passante com a língua de fora procurava a sombra ao lado dos edifícios ao meio-dia e os comerciantes vendo o sol inclina-se atingindo as mercadorias das lojas com seus raios usavam uma manivela e giravam a catraca, instalada na parede das casas — uma engrenagem coberta e semelhante a uma meia bola de futebol. A cada giro o pano descia mais um pouco acompanhado de um rangido da coroa e pinhão metálicos e secos pois a graxa não durava muito, derretia-se toda. Após esta operação, geralmente ao meio dia o comerciante cerrava a porta e almoçava em convívio com os seus.

3. O VASO (Schwarz-weiss-rot)

O dono da confeitaria Tönjes resolveu embelezar a vitrine da XV com vaso de flores e, para tanto, dirigiu-se a uma loja onde vários estavam expostos e, achou um colorido muito bonito, lembrando motivos indígenas. Não demorou uma semana e foi levado para Florianópolis a fim de dar explicações sendo internado no campo de detenção de onde saiu 24 horas depois, retornando a Blumenau. O recipiente que chamou a atenção das autoridades tinha as três cores proibidas na época, quando unidas: Preto, branco e vermelho, lembrando as cores da Alemanha em guerra. Após provar a procedência nativa, Henrique foi liberado e nunca mais pôs jarro de flores colorido no expositor, preferindo receptáculos de cristal.

4. OS COLONOS E OS CIDADINOS

Na década de trinta e quarenta havia uma diferença entre os residentes na cidade e os moradores além do perímetro urbano. Quando meu pai era noivo pediu à minha mãe que não levasse a prima Irmgard e o seu marido Bruno na apresentação do espetáculo musical do artista italiano Cantarelli, alegando eles serem "Kolonisten" pois o pessoal da "Stadt" eram diferentes. Sabe-se todavia que sem os "Kolonisten" a cidade não sobreviveria. Peço pois, desculpas ao constrangimento causado nos anos quarenta pelo meu pai, que era jovem e não tinha experiência de vida, ao casal Bruno e Irmgard Karsten que recentemente muito bem me receberam em sua residência próxima a fábrica Cremer. Soube ao escrever, do falecimento no dia 3 de outubro do Sr. Bruno, e manifesto minhas sinceras condolências a família.

5. OS SEIS PORCENTO

Há décadas, um comerciante de carnes suínas tinha um faro para bons empreendimentos financeiros. Em suas redondezas era conhecido pela sobriedade como conduzia os seus negócios; oferecia três, e até quatro por cento por empréstimos. Os juros que pagava eram anuais, não mensais. O pessoal da poupança aceitava: Era melhor que pôr debaixo do colchão de palha. Na posse do dinheiro o tomador dirigia-se à cidade de Blumenau, pois ele morava na "Kolonie", e o depositava nas principais instituições financeiras da XV, onde percebia 6% ao ano. Como eram no final grandes somas, sobrava comissão ao esperto financista, após pagar por sua vez os juros devidos aos empresários e pequenos poupadores, os quais não tinham coragem de entrar num banco desconfiando de quem lá estivesse prometendo juros.

6. OUTROS POVOS, OUTROS COSTUMES

O doce chamado de bomba no Brasil, é assim denominado porque ao ser saboreado requer cuidado em seu manuseio. Na primeira mordida, o creme em seu interior tende a espalhar-se, o efeito é como um petardo propagando a nata para todos os lados, roupa e chão. Na França é cortado como eclair, as duas metades ligadas por um fecho imaginário, e na Alemanha como Liebesknochen, "osso amoroso" devido ao seu formato ósseo. Os franceses preferem o pão d'água, bisnaga de formato comprido, e os ingleses usam a praticidade do pão em fatias quadradas e duplas com o seu interior recheado de frios, enquanto os alemães degustam o "Belegtes Brot", uma fatia aberta servida com geleia e outras iguarias, pois dizem que o primeiro contato na degustação é com o céu da boca.

O sargento-mor José de Oliveira Borges

Antônio Roberto Nascimento

(Conclusão)

João Augusto de Oliveira era o eleitor n. 70 do 3º quarteirão, quando tinha 39 anos, era negociante e casado, à roda de 1870 (150). Foi batizado aos 26.7.1831, (151) e casou, aos 18.11.1869 (152), com Sebastiana Avelina de Carvalho, "com dispensa do impedimento de consaguinidade em 3º grau atingente ao 2º", filha do Tenente-Coronel Bento Gordiano de Carvalho e de Maria Úrsula do Rosário, neta paterna do Alferes Mathias de Carvalho Sênior, que não usava o agnome, e de Maria Úrsula do Rosário, também francis-

quense, e materna do Ajudante Jacinto José de Sousa e de Ana Clara de Jesus, com quem teve os seguintes filhos: Trajano, batizado em 1º.6.1879 (153), nascido aos 21 de janeiro, tendo por padrinhos Bento Gordiano de Carvalho Jr., residente no Rio de Janeiro, representado por João Correia de Freitas, e Senhorinha Serafina das Dores, casado em Curitiba, aos 16.3.1936 (154), com Rosa Canto; Francisca Augusta de Oliveira (v. supra); Joaquim, batizado aos 5.9.1870 (155); e Antônio, batizado aos 20.1.1883 (156), nascido em

150 — Biblioteca Nacional, relação de eleitores cit.

151 — Livro n. 8 de batismos da Matriz cit.

152 — Livro n. 7 de casamentos da Matriz cit.

153 — Livro n. 17 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça.

154 — Nota à margem do batismo.

155 — Livro n. 5 de batismos da Matriz cit.

156 — Livro n. 17 cit.

1º.10.1882 (157-.

Bento Gordiano de Oliveira, filho do Sargento-Mor (158) José de Oliveira Borges, morreu aos 20.4.1809 (159), com 21 anos de idade, ainda solteiro.

Fernando de Oliveira, irmão germano do sobredito Bento Gordiano, foi padrinho em 1º.1.1806 (160) juntamente com sua irmã Maria de Oliveira, que deve ser a Maria Efrosina de Assunção (v. supra), quando o pai deles já é dado como falecido. Não temos outras notícias de Fernando.

Ana Joaquina de Oliveira, ou Ana Joaquina do Amor Divino, foi também madrinha e dela não temos mais notícias.

O mesmo acontece com Alberto Luiz de Oliveira, filho, outrossim, do Sargento-Mor José de Oliveira Borges.

O Capitão José Luciano de Oliveira foi deputado provincial de 1848 a 1849 (161), tendo sido casado com Florisbella Rosa de Oliveira, batizada em São Francisco do Sul, aos 21.7.1797 (162), filha de Inácio José da Silveira Sênior — não usava agnome —, natural de São Miguel da Ilha de Santa Catarina, e de Maria de Oliveira, franciscuense, neta paterna de Domingos da Silva, natural da Ilha de São Miguel, nos Açores, e de Maria Baptista de Ascenção, natural da Ilha do Faial, e materna de Tomé Peres, morto aos 17.8.1825 (163), com cerca de 80 anos, e de Ana Lopes, franciscuenses, tendo por padrinhos Joaquim José de Bittencourt e sua mulher Floriana Maria de Oliveira. Dita

Maria de Oliveira era irmã inteira de Manoel Lopes de Assunção, casado, a seu tempo, com Ana Joaquina, filha de José Teixeira Seixas e de Antônia de Oliveira. Rosaura, parda, escrava solteira de José Luciano de Oliveira, batizou filha natural de igual nome, também parda, aos 28.10.1850 (164), em cerimônia realizada pelo Vigário de Itajaí de então, tendo por padrinho Firmino Manoel de Paula (165) e a invocação de N. S^a do Rosário. Um Major José Luciano de Oliveira (166), correlegionário do Partido Republicano Liberal, aos 21.2.1907, talvez fosse o que foi casado com Ângela Lavarde de Oliveira, com quem teve a filha Juliana de Oliveira Macedo, casada, por sua vez, com o Capitão Arthur Ribeiro de Macedo, alto funcionário da Fiscalização Municipal de Curitiba, filho de Bento Ribeiro de Macedo e de Narciza Marsaneiro (167) Veiga de Macedo. Talvez fosse filho do franciscuense. Pelo que logramos descobrir, o Capitão José Luciano de Oliveira, quicá Sênior, teve os seguintes filhos:

8.1. — Rosa Maria das Dores;

8.2. — Alexandrina Emília das Dores;

8.3. — Emígdio Silveira de Miranda e Oliveira;

8.4. — Tenente Manoel José de Oliveira (168);

8.5. — Desconhecido (a, os, as).

Rosa Maria das Dores casou, aos 20.3.1870 (169), quando seus pais já eram falecidos, com Ignácio Maria da Silva, natural de Paranaguá, viúvo de Joana Leo-

157 — Parece haver algum equívoco em nossa descrição acima (N. do A.).

158 — Posto equivalente, nos dias em que vamos, ao de Major (N. do A.).

159 — 2º. livro de óbitos da Matriz de N. S^a da Graça.

160 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça.

161 — Cf. W. F. PIAZZA, Dicionário Político cit., p. 378.

162 — Livro n. 5 cit.

163 — 2º. livro de óbitos da Matriz de N. S^a da Graça.

164 — Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.

165 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **Hermelino Jorge de Linhares**, na Re. Blumenau em Cadernos, t. XXXIV, p. 163.

166 — Cf. NEGRÃO, Genealogia cit. V. 6º, p. 59, 1947, Curitiba.

167 — Ob. cit., V. 2º, p. 575, 1927, Impressora Paranaense.

168 — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, **A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina**, Florianópolis, 1976, p. 124, nota 31.

169 — Livro n. 8 de casamentos da Matriz cit.

170 — Livro n. 9 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça.

cádia da Silva, filho de Manoel Ignácio da Silva e de Maria das Dores. Rosa Maria das Dores e Oliveira teve a escrava preta Eulária, que, 1º.8.1841 (170), teve o filho natural Sabino, de que foram padrinhos Lourenço Antônio de Sousa Rochadel (171) e sua irmã Maria da Graça de Sousa Rochadel.

Alexandrina Emília das Dores foi senhora do escravo João, pardo, de 23 anos, solteiro, matriculado sob n. 11 do Livro de Registro para o Fundo de Manumissão, em 1870 (172), carpinteiro, sem família, apto para todo serviço, de regular moralidade. Ainda era solteira aos 27.8.1847, quando foi madrinha (173). Não temos outras notícias.

Emígdio Silveira de Miranda e Oliveira era coletor (174) no ano de 1870, tinha 42 anos em 1870, mais ou menos, quando foi dado como solteiro e empregado público (175). Deputado à Assembléia Legislativa Provincial à 21ª Legislatura, de 1876 a 1877 (176), outorgou, por volta de 1870 (177), procuração a seu irmão, o advogado Manoel José de Oliveira, morador na Cidade do Desterro, para fazer venda de um escravo de nome Domingos, crioulo de 23 anos, oficial de pedreiro, solteiro, pelo maior preço que puder obter. Além desse, teve o escravo Antônio, matriculado sob n. 792 (178), preto, de 35 anos, solteiro, o escravo João, também preto, de 41 anos, solteiro (179), matriculado

sob n. 791, e o escravo Carlos, preto, de 49 anos, solteiro, trabalhador na lavoura, como os demais (180). De Emígdio Silveira de Miranda e Oliveira, outrossim, não temos outras notícias.

O Tenente Manoel José de Oliveira (181) foi casado, em primeiras núpcias, com D. Maria Isabel da Fonseca, filha de Joaquim Hipólito da Fonseca e de D. Mariana Joaquina da Fonseca, e, em segundo leito, com D. Mariana Amália da Fonseca, filha de Francisco de Paula da Fonseca e de D. Joana Amália da Fonseca, e, à derradeira, com D. Maria José da Conceição, não tendo filhos desse terceiro leito. Foi Coletor de Rendas Provinciais, no ano de 1851, em São Francisco do Sul (182). Foi senhor do escravo Felipe (183), de 25 anos, cozinheiro, preso em 1832.

E foi preso "por se levantar contra seu senhor". Demais disso, o advogado Manoel José de Oliveira defendeu Francisco José da Silva Bigg, morador na Caiira, distrito de São Miguel (184), acusado de aliciamento de escravos para fugirem em navios americanos, alegando falta de provas e que o réu, não sabendo remar canoas, estaria impossibilitado de dar fuga aos escravos. Defendeu, outrossim o Major Francisco de Sousa Machado Cravo (185), demitido por "incapaz", pelo Presidente da Província, do posto de comando da Guarda Nacional, aos 19.2.1866, pa-

171 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **A Família Rachadel em Santa Catarina**, na Rev. Blumenau em Cadernos, t. XXXII dez/91, n. 12, p. 367.

172 — Arquivo particular do A.

173 — Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.

174 — Arquivo forense de São Francisco do Sul.

175 — Biblioteca Nacional, relação de eleitores cit.

176 — Cf. PIAZZA, **Dicionário Político** cit., p. 374, 1985.

177 — Escritura no ex-2º Tabelionato de Notas de São Francisco do Sul.

178 — Livro de Registros de Escravos para o Fundo de Manumissão cit.

179 — Id. ib.

180 — Id. ib.

181 — Cf. PIAZZA, **Dicionário** cit., p. 379.

182 — Arquivo forense cit.

183 — Cf. W. F. PIAZZA, **O Escravo numa Economia Fundiária**, Florianópolis, 1975. Ed. da UDESC, p. 104.

184 — Cf. PIAZZA, **o Escravo** (...) cit., pp. 117-118.

185 — Cf. O. R. CABRAL, **N. Sª do Desterro**, V. 2, Memória, 1979, Florianópolis, Ed. Lunardelli, p. 338.

rã à Guerra do Paraguai, não que concérne a Laguna, obtendo sua absolvição. O "influente político" Manoel José de Oliveira foi proprietário da chácara que pertencera a Manoel Moreira da Silva (186), procedente da antiga chácara de Alexandre José de Sousa Baimha. Sobredito Manoel Moreira da Silva Jr., que não usava agnome, filho de pai de igual nome e de D. Guiomar Rosa, natural de Paranaguá, também pertenceu ao Partido Conservador (187), tendo sido casado com D. Raquel Moreira da Silva, filha de José da Silva Paranhos e de D. Antônia Maria da Rocha Paranhos, de quem teve descendência. O Comendador Manoel José de Oliveira, morto aos 6.3.1891 (188), e D. Mariana Amália da Fonseca e Oliveira, morta no Rio de Janeiro, já octogenária, aos 6.1.1849, tiveram o filho comerciante Josino Martiniano de Oliveira, morto aos 23.2.1891, casado, a seu tempo, com Maria Romalina de Sousa Lobo, por hipocorístico "Bicota", morta no Rio de Janeiro, filha de José Theodoro de Sousa Lobo, nascido em Santos, aos 11 de setembro de 1827, negociante e Cônsul da Espanha, e de sua primeira mulher Luiza Leopoldina Cardoso Pereira da Rosa (1827-1854), neta paterna de José de Sousa Lobo e de Engrácia Maria do Nascimento, com quem teve a filha Izaura Lobo de Oliveira, professora normalista, casada, à sua vez, com o viúvo (...). Manoel José de Oliveira também foi pai de Arthur Deocleciano de Oliveira (188), nascido em Santa Catarina, aos três de fevereiro de 1866, Guarda Marinha em 1885,

que fez parte da Junta Governativa Provisória em 1891, Capitão-Tenente em 1904, Capitão-de-Fragata em 1912, e, à derradeira, Comandante do Batalhão Naval do Rio de Janeiro, onde morreu aos 3.1.1920. Era filho de D. Mariana Amália da Fonseca (190). Em São Francisco do Sul, morou um Joaquim Hopólito da Fonseca, marítimo, natural da freguesia de N. S^a do Desterro, casado com a francisqueense Florinda Gomes Raposo, "Legitimada por subsequente casamento de seus pais, Eustáchio Francisco Gomes Raposo, diretor de música, vitimado pela grande epidemia de febre amarela de 1878 (191), deixando a viúva Francisca Leopoldina de Jesus e dez filhos, quase todos menores, dos quais logramos descobrir: Maria Isabel, batizada aos 23.5.1885, Arthur, aos 16.10.1886 (192), casado com Noêmia Guerreiro (193), aos 24.1.1914, e Maria Amália, batizada aos 27.12.1890 (?). Manoel José de Oliveira e Eliseu Guilherme da Silva comandavam o Partido União Federalista (194). Ofertou dois livros à Biblioteca Pública, aos 9.1.1855 (195). Ao lado de Taunay, do Cel. Francisco de Oliveira Camacho Jr., de São Francisco do Sul, e de outros nomes ilustres, Manoel José de Oliveira foi, por sem dúvida, um dos esteios do Partido Conservador, que, ligado embora aos interesses fundiários de Santa Catarina, batia-se por um poder central, por um Brasil unido, muito diferente da colcha de retalhos em que se transformou a América Hispânica (196). Tanto isso é verdade que foi Deputado Provincial à 8^a Le-

186 — Cf. CABRAL, ob. cit., V. I, **Notícia**, Florianópolis, 1979, p. 267.

187 — Cf. PIAZZA, **Dicionário Político cit.**, p. 529.

188 — Cf. L. A. BOITEUX, **Prosápia Catarinense**, Cap. III, incompleto, tít. "José de Sousa Lobo", inédito, arq. particular do A.

189 — Cf. CARLOS HUMBERTO CORREA, **Os Governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982**, Florianópolis, 1983, Ed. da UFSC, p. 222.

190 — Cf. PIAZZA, **Dicionário Político cit.**, p. 372.

191 — Cf. COSTA PEREIRA, **História cit.**, p. 148.

192 — Livro n. 18 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça.

193 — Nota à margem do batismo.

194 — Cf. W. F. PIAZZA, **Santa Catarina: sua História**, 1983, p. 484, Florianópolis, Ed. da UFSC e Lunardelli.

195 — Cf. O. R. CABRAL, **História de Santa Catarina**, p. 185, 1970, 2^a ed., s. 1, Ed. Laudes.

196 — Cf. LAURA MACHADO HUBENER, **Dicionário Político cit.**, pp. 391-394.

gislatura, de 1850 a 1851, suplente convocado à 10ª, de 1854 a 1855, reeleito para a 13ª, de 1860 a 1861, à 14ª, de 1862 a 1863, quando foi, outrossim, 1º Secretário da Assembléia, no primeiro ano, suplente convocado à 15ª Legislatura, de 1864 a 1865, reeleito à 16ª, de 1866 a 1867, também à 18ª, de 1870 a 1871, quando se tornou também Vice-Presidente da Assembléia, mantendo-se na deputação seguinte, de 1872 a 1873, retornando na 21ª de 1876 a 1877, quando ocupou a presidência, renunciando no último ano (197). Manteve-se igualmente, na Assembléia, durante às 25ª e 26ª legislaturas, de 1884 a 1887. Foi reformado no posto de Tenente do 8º Batalhão de Infantaria da 4ª Legião da Vila de São Francisco do Sul (198). Estamos que seus ideais conservadores identificavam-se com os interesses monárquicos, haja em vista que, sobre ser amigo de Taunay, também o era do Comendador Francisco da Costa Pereira (199), o luso que se estabeleceu em São Francisco do Sul, ali casando com a segunda mulher do último capitão-mor, que, a exemplo de Taunay, retirou-se da política, tão logo proclamava a República do Brasil.

De Maria Efrosina de Oliveira, ou Maria Efrosina de Assunção, como também foi grafada, tia paterna de Manoel José de Oliveira, não descobrimos mais notí-

cias além dos batismos em que foi madrinha.

D. Delfina Rosa de Santa Perpétua, irmã germana do Capitão José Luciano de Oliveira, morreu aos 28.1.1893, de hidropisia (200), com idade de 84 anos, já viúva de Manoel Leite, ou Manoel José Leite de Oliveira, como é grafado num batismo de 7.7.1839 (201), com quem teve filho José Leite, padrinho em 1º.11.1844 (202), juntamente com sua mãe, então já viúva, cujo destino desconhecemos. Era tia do Capitão Francisco Mathias de Carvalho, que supomos filho do de mesmo nome (203). Demente depois de viúva, teve por curador seu sobrinho João Augusto de Oliveira, do Partido Conservador, que, destituído do encargo, judicialmente, foi substituído por João Domingues das Neves (204), "inimigo político" do primeiro curador (205), que, assim, pertenceria ao Partido Liberal, ou "Judeu" (206).

A família do Sargento-Mor José de Oliveira Borges, por conseguinte, representa a típica estrutura familiar dos habitantes de Santa Catarina, vale dizer, escravista, patriarcal e conservadora, que teve tanto e meio de importância na manutenção íntegra do Brasil, mesmo após sua derrocada, com a Abolição e com a República.

197 — Cf. W. F. PIAZZA, Dicionário Político cit., p. 379.

198 — Cf. PIAZZA, Dicionário Político cit., p. 379.

199 — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, *Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa*, Florianópolis, 1982, Ed. da FCC, p. 8.

200 — Livro n. 9 de óbitos da Matriz de N. Sª da Graça.

201 — Livro n. 9 de batismos da Matriz cit.

202 — Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.

203 — Arquivo forense de São Francisco do Sul.

204 — João Domingues das Neves, além da rábula, foi casado, em segundo leito, com Fortunata Maria das Neves, irmã de sua primeira mulher Maria Úrsula das Neves, ambas filhas de Bento José Fernandes e de Maria Úrsula do Rosário, sendo filho do galego José Domingues e da franciscuense Maria Rita de Castilho (N. do A.).

205 — Arq. forense cit.

206 — Cf. LAURA MACHADO HUBENER, Dicionário Político cit., pp. 409-412

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.
89010-001 B L U M E N A U Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente: Braulio Maria Schloegel
Diretor Administrativo-Financeiro: Maria Teresinha Heimann
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

COMPROVADAMENTE SEGURO

DISQUE CONSÓRCIO — 326-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING
T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.